

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – PPGCOM
CURSO DE MESTRADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

JOEL GONZAGA DE SOUZA

BIOGRAFISMOS DO PESQUISADOR, DOS YANOMAMI E DA *FOLHA DE BOA VISTA* DIANTE DO GARIMPO

BOA VISTA, RR

2022

JOEL GONZAGA DE SOUZA

BIOGRAFISMOS DO PESQUISADOR, DOS YANOMAMI E DA *FOLHA DE BOA VISTA* DIANTE DO GARIMPO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Comunicação na área de concentração de “Comunicação, Territorialidades e Saberes Amazônicos” – Estudos de Mídia, Território e Processos Comunicacionais.

Orientador: Prof. Dr. Simão Farias Almeida

BOA VISTA, RR

2022

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

S729b Souza, Joel Gonzaga de.
Biografismos do pesquisador, dos Yanomami e da Folha de Boa Vista diante do garimpo / Joel Gonzaga de Souza. – Boa Vista, 2022.
99 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Simão Farias Almeida.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Comunicação.

1 – Jornalismo ambiental. 2 – Biografismo. 3 – Autobiografismo. 4 – Folha de Boa Vista. I – Título. II – Almeida, Simão Farias (orientador).

CDU – 070:502.3

JOEL GONZAGA DE SOUZA

BIOGRAFISMO DA COBERTURA DO GARIMPO PELA *FOLHA DE BOA VISTA*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Comunicação na área de concentração de “Comunicação, Territorialidades e Saberes Amazônicos” – Estudos de Mídia, Território e Processos Comunicacionais.

Prof. Dr. Simão Farias Almeida

Prof. Dra. Lisiane Machado Aguiar

Prof. Dra. Adriane Melo de Castro Menezes

BOA VISTA, RR

2022

Dedico esse trabalho ao povo Yanomami e a todos os povos originários do Brasil, que sabiamente guardaram nossa mãe natureza por séculos para que nossa geração a desfrutasse. Ao meu amigo e Xamã Davi Yanomami pelos ensinamentos divinos e eternos. A todos os “curumins” da floresta que são verdadeiramente sobreviventes quando conseguem chegar à idade adulta. E a meu pai, que já descansa entre os espíritos de seus ancestrais “bororos”, por ter me feito orgulhoso de minhas origens indígenas.

AGRADECIMENTOS

Aos meus mestres, professores do Mestrado de Comunicação Social PPGCOM, em especial com os quais eu pude compartilhar mais conhecimentos, Prof. Dr. Simão Farias Almeida (também pela paciência didática), Profa. Dra. Lisiane Machado Aguiar e Prof. Dra. Vângela Maria Isidoro de Moraes. À Prof. Dra. Antonia Costa pelo incentivo desde a candidatura ao programa. E à minha família Isasnaia, Ayla, Enry e Dimy, a quem tudo devo, bem como a todos que colaboraram para a elaboração desse trabalho, em especial, à Paula Cruz (diretora do Jornal *Folha de Boa Vista*) e aos jornalistas Cyneida Correia e Ribamar Rocha, que sem eles não seria possível concluir a pesquisa.

A todos que acreditam que há um caminho possível para o Desenvolvimento Etno-Ambiental Sustentável da Floresta Amazônica, com a exploração racional e tecnológica dos recursos incalculáveis, sem destruí-la ou contaminá-la, mas como instrumento de resguardo da saúde coletiva, da perpetuação - com qualidade de vida - dos povos originários, e para promoção da dignidade que todo brasileiro merece e tem direito.

*“Combati o bom combate, conclui a carreira,
mantive a fé”*

II Timóteo 4:7 – Bíblia Sagrada

RESUMO

O tema da pesquisa é a cobertura do garimpo ilegal pela *Folha de Boa Vista*, de Roraima. O jornal *Folha de Boa Vista*, através de seus jornalistas, denuncia com frequência a atuação de garimpeiros. Inserido no contexto do jornalismo ambiental, a pesquisa analisa reportagens a partir do biografismo, um método biográfico de investigar o campo do sujeito e compreender a extensão das suas experiências e de seus sentidos, e do autobiografismo, uma vez que o pesquisador atua no contexto. A própria *Folha de Boa Vista* acaba sendo biografada enquanto instituição que possui conhecimento da causa, precisão jornalística e ética ecológica, preceitos do *advocacy journalism*. O jornal destaca em suas reportagens o compromisso com a causa ambiental. A partir da observação participante, a pesquisa traz relato de experiência considerando a função de médico e jornalista do pesquisador. Constatase que a cobertura jornalística se dá por profissionais comprometidos com a causa, denunciando o garimpo ilegal. O relato de experiência corrobora a cobertura jornalística da *Folha de Boa Vista*.

Palavras-chave: Jornalismo Ambiental. Biografismo. Autobiografismo. Folha de Boa Vista.

ABSTRACT

The subject of the research is the coverage of illegal mining by *Folha de Boa Vista*, in Roraima. The newspaper *Folha de Boa Vista*, through its journalists, frequently denounces the activities of miners. Inserted in the context of environmental journalism, the research analyzes reports based on biographism, a biographical method of investigating the subject's field and understanding the extent of their experiences and senses, and autobiographism, since the researcher acts in the context. *Folha de Boa Vista* itself ends up being biographed as an institution that has knowledge of the cause, journalistic precision and ecological ethics, precepts of advocacy journalism. The newspaper highlights in its reports the commitment to the environmental cause. Based on participant observation, the research brings an experience report considering the role of the researcher as a doctor and journalist. It appears that journalistic coverage is given by professionals committed to the cause, denouncing illegal mining. The experience report corroborates the journalistic coverage of *Folha de Boa Vista*.

Keywords: Environmental Journalism. Biographism. Autobiography. *Folha de Boa Vista*.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----------|
| Figura 1 – Nota final das reportagens | 22 |
| Figura 2 – Professor da UFRR faz alerta para risco de contaminação por mercúrio..... | 27 |
| Figura 3 – Garimpo ilegal faturava R\$ 8 milhões por semana, estima exército. | 28 |
| Figura 4 – Exército encontra pequena cidade de garimpeiros na Terra Yanomami | 30 |
| Figura 5 – Garimpo ilegal em terra indígena..... | 31 |
| Figura 6 – Garimpo ilegal prejudica a pesca..... | 32 |
| Figura 7 – Yanomami denunciam ao MPF retorno do garimpo..... | 33 |
| Figura 8 – Exploradores de ouro são ameaça na maior terra indígena do Brasil | 34 |
| Figura 9 – Invasão de garimpeiros | 35 |
| Figura 10 – MPF e líderes indígenas se reúnem para tratar do garimpo ilegal em Roraima..... | 37 |
| Figura 11 - Líder denuncia descaso com crianças Yanomami: “estão morrendo com vermes”..... | 38 |
| Figura 12 – Vermes expelidos pela boca | 39 |
| Figura 13 – “Caso Sanitário e humanitário” | 40 |
| Figura 14 – Destruição causada pelo garimpo | 49 |
| Figura 15 – Terra Yanomami é destaque em estudo sobre o crime organizado na Amazônia..... | 52 |
| Figura 16 – Criança Yanomami | 53 |
| Figura 17 – Os efeitos do mercúrio | 64 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 BIOGRAFISMOS JORNALÍSTICOS | 16 |
| 2.1 JORNALISMO DE DANOS AMBIENTAIS | 17 |
| 2.2 ADVOCACY JOURNALISM E O JORNALISMO INFORMATIVO, OPINATIVO, INTERPRETATIVO E INVESTIGATIVO | 18 |
| 2.3 BIOGRAFISMO E AUTOBIOGRAFISMO | 20 |
| 3 BIOGRAFISMOS DA <i>FOLHA DE BOA VISTA</i> | 25 |
| 3.1 JORNAL FOLHA DE BOA VISTA | 25 |
| 3.2 ENTREVISTA COM A DIRETORA | 40 |
| 3.3 ENTREVISTA COM O EDITOR | 43 |
| 4 RELATO DE VIVÊNCIAS EM COMUNIDADES INDÍGENAS | 46 |
| 4.1 JORNALISTA, MÉDICO E ADVOGADO | 46 |
| 4.2 AS COMUNIDADES INDÍGENAS | 54 |
| 4.3 O GARIMPO | 57 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS: BIOGRAFISMO ENRELAÇADOS | 67 |
| REFERÊNCIAS | 71 |
| APÊNDICE 1 | 80 |
| APÊNDICE 2 | 84 |
| APÊNDICE 3 | 88 |

1 INTRODUÇÃO

O tema da presente pesquisa é a cobertura do garimpo na Amazônia pelo jornal *Folha de Boa Vista*, de Roraima. O jornal *Folha de Boa Vista*, através de seus jornalistas, denuncia com frequência a atuação de garimpeiros. Trata-se de uma realidade que vem piorando nos últimos anos, levando a prejuízos ao ecossistema da região (LOPES, 2019).

As questões ambientais são de interesse de todos. Elas dizem respeito ao bem-estar das pessoas. Acontecimentos locais relacionados ao meio ambiente influenciam a humanidade como um todo, seja na produção de alimentos, na qualidade do ar e da água, enfim, a sobrevivência do ser humano e de todos os seres vivos. Desta forma, ao analisar localmente um meio de comunicação como o jornal *Folha de Boa Vista*, formador de opinião, acaba-se por contribuir na construção de um conhecimento do saber ambiental que relaciona teoria com a prática do jornalismo ambiental.

Enquanto jornalista, médico e advogado, a motivação para a pesquisa se dá, justamente, pela preocupação com o jornalismo ambiental e o seu poder de influência que pode levar a denúncias ou omissões sobre questões de saúde e de direitos das pessoas.

A questão é de urgência perante a situações como de garimpos ilegais e a utilização de mercúrio, poluindo rios e toda a fauna e flora que acaba se alimentando deles. Ribeirinhos e indígenas são os mais afetados diretamente, mas as consequências acabam sendo também para os seres humanos em geral com a degradação do meio ambiente.

Assim, o jornalismo ambiental se mostra como fundamental para evidenciar, denunciar, refletir etc., sobre os rumos do meio ambiente em Roraima, no Brasil e no mundo. Especificamente nesta pesquisa, a contribuição está na análise do jornalismo ambiental produzido no Jornal *Folha de Boa Vista* a partir das matérias publicadas acerca da contaminação dos rios pelo garimpo ilegal e as consequências para as populações afetadas.

O contexto dos danos ambientais do garimpo na Amazônia é notícia internacional, com reiteradas denúncias, como a mudança de curso do Rio Mucajaí no estado de Roraima (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2021) e o aumento em 30%

da exploração de ouro em 2020 em áreas cada vez mais próximas das aldeias indígenas (LINDER, 2021).

A água é a fonte da vida e vem sendo poluída de forma a prejudicar o seu consumo, por um lado, e a subsistência a partir da pesca, por outro lado. O Rio Mucajaí que abastece a sede do município de mesmo nome, em Roraima, é exemplo uma vez que a sua água é tanto para consumo, como para pesca. O pH ácido evidencia o garimpo ilegal, assim como a água barrenta, resultado do trabalho das máquinas de garimpo (BARBOSA, 2019). O rio Mucajaí é um dos principais afluentes do Rio Branco, o maior curso d'água do estado, e se encontra no interior da Terra Indígena Yanomami (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2021).

O Rio do Uraricoera, em Roraima, em terras Yanomami, próximo à Venezuela, é um dos lugares mais ermos do Brasil, de difícil acesso, porém, onde trabalham mais de mil pessoas no garimpo. A estimativa é de que se produza um lucro de cerca de R\$ 8 milhões por semana neste garimpo. Porém, a maioria dos ribeirinhos acaba sendo prejudicada com o despejo de mercúrio nos rios. Sobre o mercúrio, além de contaminar o solo, leva a graves complicações à saúde de garimpeiros e da comunidade local em geral porque o metil mercúrio se acumula na cadeia alimentar se fixando na natureza. Causa enfermidades neurológicas graves, levando à morte. (FOLHA BV, 2019).

Os peixes são raros e quando suportam a poluição, não atingem o peso normal, além de carregarem consigo a contaminação que passa à população que os consome. Quando o jornal *Folha de Boa Vista* procura as autoridades competentes, como o IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), a resposta é a de que não possui conhecimento a respeito (FOLHA BV, 2018).

Além da pesca e do próprio consumo da água prejudicados, a poluição atinge também o turismo. Isso porque não há proibição para o chamado garimpo artesanal, de ribeirinhos, em pontos turísticos. A Portaria número 143, de 1984, do Ministério de Minas e Energia, reconhece a garimpagem de ouro e diamante como tradicional, mas sua exploração só é permitida de forma artesanal, por garimpeiros da comunidade, por meio de faiscação e cata (FOLHA BV, 2019). Este garimpo artesanal é a fonte de renda de muitos moradores.

A população indígena sofre igualmente com esse garimpo, como relata o Yanomami Davi Kopenawa, uma vez que é praticado ilegalmente dentro da terra indígena, conforme relata o jornalista da *Folha de Boa Vista*, Ribamar Rocha. Em pesquisa realizada com as pessoas na terra indígena Yanomami, o nível de mercúrio chegou a 92,3% (ROCHA, 2016).

Diante deste contexto, o objeto de pesquisa é a produção da *Folha de Boa Vista* acerca do garimpo ilegal através dos seus jornalistas. A pergunta que se coloca é como se dá a narrativa em relação ao garimpo? Os jornalistas possuem autonomia para escrever sobre o tema? Qual a importância do jornal no combate à ilegalidade do garimpo? Sua produção se insere nas narrativas do jornalismo ambiental?

O objetivo da pesquisa é analisar, a partir do método biografismo (BOAS, 2008), a narrativa em relação ao garimpo ilegal por parte do Jornal *Folha de Boa Vista*. Tem como objetivos específicos verificar as características do jornalismo ambiental em consonância com o jornalismo praticado pelo periódico, analisar o discurso jornalístico a respeito do garimpo a partir das fontes jornalísticas e averiguar a cobertura jornalística de *advocacyjournalism*, de acordo com os pressupostos de Michael Frome (1998) e Bob Wyss (2008), a partir da coleta de dados.

A motivação para a pesquisa se dá, justamente, pela preocupação com o jornalismo ambiental e o seu poder de influência que pode levar a denúncias ou omissões sobre questões de saúde e de direitos das pessoas. Também por fazer parte deste meio enquanto médico e jornalista. Por isso, a pesquisa apresenta dados da participação observante (ESTRELA, 2018), enquanto biografismo, no Apêndice 3, traz imagens da pesquisa. No caso, atuar nesta pesquisa é minha obrigação como trabalhador, pesquisador e membro atuante da sociedade civil pela justiça e dignidade em relação aos povos sofridos com o garimpo ilegal.

A questão é de urgência perante as situações como de garimpos ilegais e a utilização de mercúrio, poluindo rios e toda a fauna e flora que acaba se alimentando deles. Ribeirinhos e indígenas são os mais afetados diretamente, mas as consequências acabam sendo também para os seres humanos em geral com a degradação do meio ambiente. Assim, o jornalismo ambiental se mostra como

fundamental para evidenciar, denunciar, refletir sobre os rumos do meio ambiente em Roraima, no Brasil e no mundo.

A pesquisa tem um caráter qualitativo que, conforme Minayo (2010), busca por meio da exploração dos dados descobrir a realidade estudada. Para isso, se utiliza da pesquisa de campo, tendo como objeto de pesquisa o jornal *Folha de Boa Vista*, mais especificamente os jornalistas à frente da cobertura do garimpo ilegal na Amazônia.

A técnica de entrevista tem como base a história oral, a partir de Paul Thompson (1988), para quem o pesquisador, ao realizar entrevistas, pode descortinar novos campos de investigação, além de acesso a materiais inéditos. Isso permite uma reconstrução mais realista e imparcial dos acontecimentos. Trata-se de um método, segundo Thompson, usado particularmente por sociólogos, antropólogos, historiadores orais, assim como por jornalistas (THOMPSON, 1988).

A História Oral trouxe inúmeras contribuições fundamentais para o atual debate sobre o uso de entrevistas com fontes. Ela remete ao sentido do documento e da análise procedida a partir de textos construídos por meio dos depoimentos. A noção de história oral adotada na pesquisa se apoia, igualmente, em José Carlos Sebe Meihy (1994; 2000). Segundo Meihy e Ribeiro, história oral “é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com a definição de um grupo de pessoas a serem entrevistadas e o uso futuro dessas entrevistas” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 17).

Desta forma, a pesquisa em questão faz uso da história oral como meio de valorizar a voz dos sujeitos, reconhecendo seus lugares na história. Valoriza-se o contexto e a experiência das pessoas. Falar das vivências dos jornalistas e de como percebem o contexto do garimpo ilegal possibilita compreender a narrativa jornalística empregada. Para desenvolver a pesquisa, são utilizados dados de fontes orais através da técnica da história oral temática.

As entrevistas são semiestruturadas, uma das técnicas de pesquisa qualitativa, e estão nos Apêndices 1 e 2. A análise se dá no corpo do texto, na “cobertura jornalística”. De acordo com Manzini (2004), a entrevista semiestruturada foca em um determinado assunto para o qual se formula um roteiro com as

perguntas principais. No entanto, outras questões podem surgir a partir das respostas, levando a novos dados.

São analisados os perfis jornalísticos do jornal do estado de Roraima no extremo Norte da Amazônia do Brasil no tratamento de processos editoriais de *advocacy journalism* ao cobrir práticas ilícitas do garimpo. O método utilizado para este fim é o biografismo de investigar o campo fenomenológico do meio biografado e compreender a extensão das suas experiências e de seus sentidos (BOAS, 2008), com o intuito de apontar as formas de seu engajamento e sua orientação do tema no jornalismo de dados sobre meio ambiente, considerando os pressupostos teóricos e críticos de Michael Frome (1998) e Bob Wyss (2008). Por meio do biografismo, se espera compreender a mentalidade cosmopolita com uma consciência ecológica global contra uma crise universal do planeta, ou pensada prioritariamente regionalmente com características da educação e da comunicação do futuro.

Diante desses pressupostos, o trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro aborda o jornalismo ambiental (BUENO, 2007; 2008; 2014), o jornalismo de danos ambientais (ALMEIDA, 2017b), o *advocacy journalism* (FROME, 1998; WYSS, 2008) e o jornalismo informativo, opinativo, interpretativo e investigativo (CHAPARRO, 1998; ALMEIDA, 2015).

O capítulo seguinte trata do discurso jornalístico e do garimpo, a partir das entrevistas realizadas. Destaca os meios, os jornalistas e as fontes jornalísticas, os discursos dos meios e das fontes de informação, e os discursos sobre o garimpo e do garimpo.

Em seguida, a pesquisa da dissertação reflete o biografismo da cobertura jornalística da *Folha de Boa Vista* sobre o garimpo no estado de Roraima e analisa as matérias jornalísticas. As análises das entrevistas, bem como o relato de experiência, são pautados pelos referenciais teóricos da área do jornalismo ambiental, a partir dos conceitos de *advocacy journalism* e danos ambientais.

Por fim, a pesquisa traz, também, o relato de experiência (DOMINGOS, 2016) do autor da pesquisa, envolvido enquanto jornalista, médico infectologista especialista em saúde indígena, indigenista e bacharel em direito, com experiência com o garimpo que faz uso do mercúrio e, sobretudo, atuante nas áreas indígenas e testemunha da realidade tratada na pesquisa.

Com isto, espera-se concluir que o jornalismo da *Folha de Boa Vista* advoga em favor da natureza, do homem e dos animais ao denunciar a degradação ecológica, aspectos estes advindos das técnicas de análise contextual e de dados, de relação entre os fatos, dos fatores responsáveis e dos impactos, da identificação dos perfis de jornalista ambiental e interpretativo, nos termos de Michael Frome (1998, p. IX) e Luiz Beltrão (1976, p. 42-46), de precisão e de crítica balanceada das atividades garimpeiras, legitimando vozes oficiais, de cientistas e garimpeiros.

2 BIOGRAFISMOS JORNALÍSTICOS

O direito à comunicação é um direito à cidadania, afirma Peruzzo (2004). Esse direito de se comunicar é fundamental para evidenciar a sua voz, a voz daqueles que são marginalizados e/ou oprimidos. A mídia atua, portanto, para isso, para dar voz e vez. Silverstone (2002) afirma que a mídia filtra e modela realidades. Isso a torna poderosa. Ela é onipresente, ainda mais em tempos das tecnologias da comunicação.

É impossível escapar à presença, à representação da mídia. Passamos a depender da mídia, tanto impressa como eletrônica, para fins de entretenimento e informação, de conforto e segurança, para ver algum sentido nas continuidades da experiência também, de quando em quando, para as intensidades da experiência. (SILVERSTONE, 2002, p. 12).

O poder da imprensa adentra ao que Pierre Bourdieu (2010) chama de poder simbólico, pois “[...] pode fazer crer e fazer ver, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo”. (2010, p. 14). Assim, o consumo da mídia se mostra complexo. Cabe ao leitor a tarefa de ler e filtrar as notícias. Para isso, necessita conhecer o meio de comunicação que está lendo. Esse conhecimento deve ser crítico em relação também ao jornalista. No entendimento de Beltrão, a

Comunicação é o problema fundamental da sociedade contemporânea – sociedade composta de uma imensa variedade de grupos, que vivem separados uns dos outros pela heterogeneidade de cultura, diferença de origens étnicas e pela própria distância social e espacial (BELTRÃO, 2004, p. 27).

Para o jornalismo ambiental e a pesquisa que se propõe, a variedade étnica é evidente, desde os pescadores e indígenas que são afetados diretamente em sua localidade, bem com a humanidade em geral, afetada pela degradação contínua do meio ambiente.

Por isso que o jornalista é pessoa importante na construção da notícia. Antonia Costa da Silva (2015) expõe que o jornalista é quem acaba por constituir o

acontecido pela enunciação uma vez que é ele quem detém o poder de consagrar pessoas e instituições. Ou seja, as realidades se constituem no e pelo discurso. Trata-se da produção da notícia, e a conseqüente intenção ou objetivo que está por trás. A produção da notícia é baseada no acontecimento, este entendido por Alsina (2009) como algo maravilhoso das sociedades democráticas. Alsina auxilia a compreender todo esse processo de construção da notícia.

2.1 JORNALISMO DE DANOS AMBIENTAIS

O jornalismo ambiental se ocupa com a contextualização socioambiental (BELMONTE, 2015; BAHIA, 1990; GIRARDI, 2011; BUENO, 2005). Especificamente no que diz respeito ao jornalismo ambiental, Girardi (2011) defende que os interesses econômicos não podem ser valorados no sentido de colocá-los à frente da qualidade do exercício profissional e, acrescenta-se, como também à frente da própria causa ambiental. Por isso, o jornalismo ambiental deve divulgar informações que contribuam com a educação ambiental da população, menciona Girardi (2011).

Antonia Costa da Silva (2015) menciona que o termo Jornalismo Ambiental é conceituado como a especialização da profissão jornalística nos fatos relativos ao meio ambiente, à ecologia, à fauna, à flora e à natureza em geral, sobretudo, no que se refere às conseqüências de iniciativas de desenvolvimento no meio ambiente e na biodiversidade.

Wilson da Costa Bueno (2005), por sua vez, destaca que o jornalismo ambiental extrapola o conceito de jornalismo científico tradicional e desempenha funções tanto informativas, como pedagógicas e políticas. Desta forma, mostra que o jornalismo ambiental possui grande responsabilidade com o bem estar das pessoas. Deve estar acima de interesses particulares.

O jornalismo ambiental deve propor-se política, social e culturalmente engajado, porque só desta maneira conseguirá encontrar forças para resistir às investidas e pressões de governos, empresas e até universidades e institutos de pesquisa, muitos deles patrocinados ou reféns dos grandes interesses. (BUENO, 2008, p. 112).

Além das obras de Bueno, Enrique Leff (2001; 2002) é autor indispensável. Leff parte da compreensão do que é ambiente, sobre como o ambiente é ensinado e

aprendido, e os princípios sobre os quais se funda um saber ambiental. Ele defende uma epistemologia ambiental, ou seja, uma complexidade na construção do conhecimento para se saber o que é o ambiente: “O ambiente não é a ecologia, mas a complexidade do mundo e da natureza através das relações de poder que se inscreveram nas formas dominantes de conhecimento.” (LEFF, 2002, p. 17).

Há que se mencionar os trabalhos de pesquisadores locais, além da já citada Antonia Costa da Silva (2015), de Simão Farias de Almeida (2014, 2015), pesquisador na área do jornalismo ambiental, conhecedor do *locus* da pesquisa proposta, e de Vângela Maria Isidoro de Moraes (2005; 2014), destacando o jornalismo em território indígena.

Enfim, conforme André Trigueiro (2005, p. 77), o “meio ambiente é ainda uma questão periférica, porque não alcançou esse sentido mais amplo, que extrapola a flora e fauna.” É nesse sentido que a pesquisa se propõe a refletir acerca do meio ambiente, do jornalismo que o consagra ou inferioriza, e de evidenciar que todos têm a perder. Afinal, conforme Jean Chesneaux (1996), todos estão no mesmo *Titanic*, mesmo que uns estejam na primeira classe.

O dano ambiental é o prejuízo ao meio ambiente, é a lesão aos recursos ambientais, com a conseqüente degradação e alteração do equilíbrio ecológico e da qualidade de vida (MILARÉ, 2001). A cobertura pelo Jornal *Folha de Boa Vista* da contaminação dos rios, do desmatamento da floresta e da degradação do solo advindos do garimpo na Amazônia brasileira se configura em jornalismo de danos ambientais, no qual o jornalista deve apresentar causas humanas e conseqüências para o homem e a natureza (ALMEIDA, 2017, p.123).

Além dos danos ambientais, surgiriam os impactos sociais devido ao garimpo ilegal, como a perda da renda na pesca, além das questões voltadas à saúde das pessoas.

2.2 ADVOCACY JOURNALISM E O JORNALISMO INFORMATIVO, OPINATIVO, INTERPRETATIVO E INVESTIGATIVO

O *advocacy journalism* ambiental envolve conhecimento da causa, precisão jornalística e ética ecológica (FROME, 1998, p. IX). Trata-se de jornalismo praticado

por profissional, baseando-se em fatos, deixando clara sua perspectiva política e social (GOULART RIBEIRO; BERTOL, 2016.). No entanto, para colocar estes princípios em prática, são necessárias decisões editoriais, a exemplo do balanceamento ou não das declarações das fontes, opções pela factualidade, opinião, interpretação ou denúncia jornalística, pretensão de objetividade ou transparência a respeito de como e por que os fatos foram reportados (WYSS, 2008, p. 231-244).

A cobertura da contaminação dos rios, do desmatamento da floresta e da degradação do solo advindos do garimpo na Amazônia brasileira se configura em jornalismo de danos ambientais, conforme apontado.

Para Michael Frome (1998), o jornalismo ambiental é a soma de *advocacy journalism* e jornalismo investigativo, porque todas as reportagens são investigativas por natureza. Os princípios do jornalismo e ativismo ambiental são fundamentais para analisar a denúncia de danos à natureza. Frome (1998) menciona que o jornalista ambiental não deve ser um mero observador dos problemas ambientais, mas um “advogado” e participante das questões humanas e da vida no planeta, contrariando assim, a imparcialidade jornalística. É com esta base que o *advocacy journalism* trabalha em causas como as voltadas para os seres vivos e seus espaços habitados.

Bob Wyss (2008) ainda destaca a importância do contexto, da interpretação e da análise dos fatos. Nesse caso, indaga se os jornalistas são ambientalistas. Verifica-se toda uma complexidade e multidisciplinaridade em torno do jornalismo ambiental, fazendo com que estes repórteres tenham mais frequentemente de recorrer à interpretação e análise. Tem convergências com o biografismo (BOAS, 2008), pois esse método além do uso de técnicas de narrar, auxilia no modo de pesquisar, de buscar as circunstâncias dos contextos. Por isso, também dialoga com a técnica de entrevista da história oral.

O *advocacy journalism* ambiental deve envolver conhecimento da causa, precisão jornalística e ética ecológica (FROME, 1998). Todavia, colocar estes princípios em prática depende de decisões editoriais, a exemplo do balanceamento ou não das declarações das fontes, opções pela factualidade, opinião, interpretação ou denúncia jornalística, pretensão de objetividade ou transparência a respeito de como e por que os fatos foram reportados (WYSS, 2008). A cobertura realizada pelo

jornal *Folha de Boa Vista* da contaminação dos rios, do desmatamento da floresta e da degradação do solo advindos do garimpo na Amazônia brasileira se configura em jornalismo de danos ambientais, no qual o jornalista deve apresentar causas humanas e consequências para o homem e a natureza (ALMEIDA, 2017b).

Há uma classificação que considera gêneros jornalísticos brasileiros, como o jornalismo informativo, opinativo, interpretativo e investigativo. O relato jornalístico, conforme Chaparro (1998), destaca o nível interpretativo, algo intermediário entre a informação e a opinião. (CHAPARRO, 1998).

O jornalismo interpretativo surge com os formatos “dossiê, perfil, enquete e cronologia, além do utilitário com os formatos indicador, cotação, roteiro e serviço, e também o diversional, composto por história de interesse humano e história colorida.” (COSTA, 2007, p. 7). É conhecido como jornalismo em profundidade, jornalismo explicativo ou jornalismo motivacional. (ERBOLATO, 1991). Porém, seu conceito é muito variável, passando a se situar entre o gênero informativo e o opinativo para Peñaranda (2000) e faria parte do jornalismo informativo (MELO, 2003).

Almeida (2015) une jornalismo investigativo e interpretativo quando engajados com denúncias, destacando que “esta categoria jornalística pauta-se na relação entre fatos e a explicação deles, e tanto o jornalismo interpretativo quanto o investigativo priorizam o registro e análise de documentação.” (ALMEIDA, 2015, p. 7). Importante o destaque de Almeida para a edição:

O processo de edição seguido pela técnica atesta um trabalho fruto de investigação jornalística associado à exposição interpretada de fatos e ideias, provas de que práticas do jornalismo investigativo e do interpretativo são reunidas a fim de imprimir qualidade e profundidade na cobertura (ALMEIDA, 2015, p. 9).

A edição tem papel fundamental na construção da narrativa porque a partir dela que o jornalista reconstrói, investiga, interpreta e opina sobre a temática.

2.3 BIOGRAFISMO E AUTOBIOGRAFISMO

O biografismo pode ser caracterizado como um método biográfico de investigar o campo do sujeito e compreender a extensão das suas experiências e de seus sentidos (ALMEIDA, 2021). Segundo Galvão,

[...] o biografismo tem uma origem específica, apesar de transbordar posteriormente desse estreito vale: o resgate da saga da esquerda, duramente reprimida pela ditadura militar que se implantou por golpe em 1964. Depois se ramificaria em várias direções; afora a biografia, na literatura, no romance, na reportagem, no tratado histórico. E em cinema, no filme de ficção, no documentário longo, no documentário curto para TV, no docudrama. (GALVÃO, 2005, p. 351).

Para a pesquisa em questão, a intenção é verificar como o redator e a diretora do Jornal *Folha de Boa Vista* constroem a narrativa acerca do garimpo ilegal dentro do jornalismo ambiental. Para Vilas Boas,

O biografismo, com os jornalistas, passou a mexer em outras coisas além de arquivos consagrados e classificados – documentos da Biblioteca Nacional, por exemplo, tinham enorme status entre historiadores e acadêmicos [...] O jornalismo contribui com o biografismo não apenas com técnicas de narrar, mas também no modo de pesquisar, de buscar circunstâncias (VILAS BOAS, 2008, p. 116-117).

Com o jornalismo, o biografismo abre um novo leque de pesquisa, com pessoas inseridas em determinada realidade, com a qual dialogam, analisam, interpretam e opinam. Almeida pondera que:

Os sujeitos constroem suas próprias narrativas e acumulam seus próprios discursos, apreendidos pelas produções culturais e por outros sujeitos interessados em selecionar e mediar determinados aspectos da vida. Certos perfis são manipulados, oferecidos a outrem ou fogem de nosso controle porque, muitas vezes, não são reconhecidos por nós ou são marcados por lacunas a serem preenchidas, posteriormente (ALMEIDA, 2021, p. 45).

A partir de Vilas Boas (2008) e Almeida (2021) percebe-se uma nova narrativa surge com o biografismo no jornalismo.

No caso em pesquisa, os jornalistas necessitam se adequar à política ou mentalidade da empresa jornalística expressa ao final de cada reportagem reproduzida nesta pesquisa, conforme a Figura 1:

Figura 1 – Nota final das reportagens

Um jornalismo profissional com identificação e compromisso com o regional que fiscaliza o poder público, combate o autoritarismo e a corrupção, veicula notícias interessantes, faz contraponto à intolerância das redes sociais e traça uma linha clara entre verdade e mentira. São mais de 50 reportagens todo dia. Quanto custa ajudar a produzir esse conteúdo?

Fonte: FOLHA BV, 2017.¹

Esta nota interfere naquilo que Vilas Boas (2008, p. 155) destaca acerca da verdade: “A ideia de verdade, somente a verdade, nada mais que a verdade é uma sombra no trabalho dos biógrafos. No meio jornalístico, então, é unânime que a primeira obrigação do jornalista é com a verdade”. Assim, permanece a indagação quanto à verdade difundida no Jornal *Folha de Boa Vista*: é a verdade do jornal ou do jornalista?

Desta forma, o biografismo estaria mais pertinente como metodologia a partir do Jornal como biografado. No entanto, cada pessoa traz consigo as suas interpretações e opiniões que podem explicar a matéria. Vilas Boas (2008) destaca que a perspectiva é selecionada pela narrativa jornalística por meio da qual o leitor vai observar o biografado (ALMEIDA, 2021, p. 45).

Assim, o gênero biográfico é compreendido como uma oportunidade de se narrar a trajetória de uma pessoa e, por consequência, o contexto em que determinado personagem está inserido (BULHÕES; SOBRAL, 2016). No entanto, pode-se incluir a biografia da própria empresa jornalística a fim de verificar como o contexto é narrado. Tal afirmativa pode ser corroborada por Vilas Boas (2002), quando destaca que cada escrita biográfica possui um objetivo diferente, motivado também por interesses diversos.

Assim, o próprio Jornal *Folha de Boa Vista* se torna personagem e passível de ser biografado. Estudos de Ferreira (2010) sobre o Exército Brasileiro, sobre o Santuário de Elefantes Brasil (CAMPOS, 2021) e sobre um clube (CANABARRO, 2003) ilustram a prerrogativa.

Cabe mencionar que o próprio pesquisador, enquanto médico e jornalista, possui relação direta com as pessoas prejudicadas com o garimpo ilegal. Desta forma, faz com que seu relato de experiência esteja alinhado ao *advocacy*

¹ Ressalta-se que a informação da Figura 1 está em todas as reportagens, ainda que indicada como fonte apenas a reportagem de 2017. Mas ocorre em todas verificadas de 2017 a 2022.

journalism, pois envolve conhecimento da causa, mesclando o jornalismo informativo e interpretativo a partir do contexto de trabalho.

Nessa perspectiva destaca-se o autobiografismo. De acordo com Goldberg, “Autobiografismo constitui-se dos termos: auto, referente à “escrita” de si; bio, referente à vida, e grafismo, originário do traço, do desenho, do imaginário, da vida simbolizada em formas e figuras.” (GOLDBERG, 2016, p. 27). O autobiografismo deste autor se dá a partir de texto (BENETTI, 2088) e fotografia (BUITONI, 2016), elementos essenciais no jornalismo.

Assim, chega-se a uma escrita de si (GOMES, 2004). Macedo e Dimenstein (2009) destacam que essa escrita é uma forma de

[...] produzir narrativas que façam tocar nossas experiências de modo a dialogar as marcas de quem escreve com as marcas de quem as lê, de forma que se gere um comum, coletivos, para pensarmos acerca das questões que nos atravessam e que nos convocam nesses espaços, ou quem sabe em outros. (MACEDO, DIMENSTEIN, 2009, p. 164).

O autobiografismo deste pesquisador, enquanto jornalista e atuante no meio indígena e de garimpo ilegal, revela as características do que se pode chamar de autobiografismo jornalístico. Difere do biografismo acadêmico uma vez que “[...] tem do estilo da crônica, pois é uma espécie de crônica dos tempos próximos, só que mais expandida e estruturada.” (GALVÃO, 2005, p. 359).

Santos, Menezes e Paiva (2017, p. 4) mencionam a este respeito que pela proximidade do *know-how* da matéria-prima utilizada na coleta biográfica, “o jornalismo encontrou neste nicho espaço e terreno fértil para incorporar técnicas do Jornalismo Literário e do *New Journalism* na apresentação do produto final: a biografia.” Trata-se, portanto, da união das técnicas jornalísticas de narrativa, conforme o contexto, com o biografismo.

A biografia, em geral, serve como um instrumento de resgate histórico do contexto onde o indivíduo está inserido. (GANDINI, ADAM, 2019). Porém, há que se cuidar no que diz respeito ao excesso de protagonismo. No autobiografismo jornalístico, a autobiografia de si é importante enquanto revela a participação no contexto descrito. Porém, quando se dá com o objetivo jornalístico, o protagonismo é da matéria e do contexto. Assim, no autobiografismo jornalístico, aquele que escreve

a biografia tem a sua relevância enquanto testemunha, observador e/ou participante.
Mas a realidade vivida deve se sobrepor.

3 BIOGRAFISMOS DA *FOLHA DE BOA VISTA*

A terra Yanomami está em constante perigo por causa do garimpo ilegal. É a maior área indígena do Brasil, tem 9,6 milhões de hectares distribuídos entre os estados brasileiros de Roraima e Amazonas. Os Yanomami são um dos maiores povos indígenas do Brasil, com cerca de 26 mil pessoas, e a sua terra foi reconhecida, demarcada e homologada em 1992. Na Venezuela, que faz fronteira com o Brasil, também é conhecida a presença deste povo, mas não existem dados oficiais (FOLHA BV, 2019).

A Amazônia, que tem a maior biodiversidade registada numa área do planeta, tem cerca de 5,5 milhões de quilômetros quadrados e inclui territórios do Brasil, Peru, Colômbia, Venezuela, Equador, Bolívia, Guiana, Suriname e Guiana Francesa (pertencente à França). Foi fustigada por incêndios em agosto de 2019. De acordo com a Fundação Nacional do Índio (Funai), entidade coordenadora e principal executora da política para os indígenas do Governo do Brasil, a população indígena do país é de 817.963 pessoas, das quais 502.783 vivem em zonas rurais e 315.180 habitam as zonas urbanas. (FOLHA BV, 2019).

3.1 JORNAL *FOLHA DE BOA VISTA*

O Jornal *Folha de Boa Vista* destaca ao final de suas matérias que se trata de um jornal que faz jornalismo profissional, identificado e comprometido com o regional, que “[...] fiscaliza o poder público, combate o autoritarismo e a corrupção, veicula notícias interessantes, faz contraponto à intolerância das redes sociais e traça uma linha clara entre verdade e mentira. São mais de 50 reportagens todo dia.” (FOLHA BV, 2016, n.p.).

Um dos grandes fatores denunciados é a contaminação dos rios devido ao mercúrio utilizado no garimpo ilegal. Conforme Ribamar Rocha,

O alto nível de mercúrio entre os povos das etnias Yanomami e Ye'kuana já foi apontado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), que divulgou estudo, no início do ano, comprovando a contaminação através da ingestão de peixes que provocaram sérios problemas de saúde nos indígenas, principalmente mulheres e crianças. O nível de mercúrio nas pessoas estudadas chegou a 92,3%, conforme a

pesquisa. Em entrevista à Folha, à época, o líder Yanomami Davi Kopenawa afirmou que o garimpo ilegal praticado dentro da terra indígena é o principal responsável pela contaminação (FOLHA BV, 2016).

O mercúrio é chamado de um mal silencioso e invisível. Além disso, detectar a sua presença é difícil porque, sendo metal pesado, vai para o fundo dos rios. Os peixes ingerem o mercúrio e passam para as pessoas.

O Greenpeace explica que o garimpo na Amazônia consiste em retirar minérios do fundo dos rios, filtrar e devolver as sobras, com produtos químicos, às águas. “Além de ilegal, o trabalho realizado pelas dragas polui e impacta diretamente o meio ambiente e as comunidades ribeirinhas e indígenas”, informou a organização (EL PAÍS, 2022, n.p.).

Essa também é a menção de Garrido (2021) para o problema dos produtos utilizados para o garimpo:

Mexer no fundo dos rios gera, primeiro, um impacto para a fauna, principalmente dos peixes que se alimentam da matéria orgânica que está ali. Em segundo lugar, não há nenhum tratamento de rejeitos do mercúrio utilizado para fazer a separação do ouro, e isso acaba voltando para o rio,[...]. É um impacto muito grande de poluição nas áreas onde o garimpo ocorre, mas não somente, porque como o rio é um ente vivo, não estático, ele flui, então tudo o que está abaixo dele é impactado também.

A contaminação dos rios e dos peixes chega, por consequência, às aldeias indígenas. Estudos realizados por instituições brasileiras já revelaram que comunidades mais próximas a locais de garimpo e de mineração apresentam maiores taxas de contaminação por mercúrio – chegando a 92% dos Yanomami, por exemplo.

Os Yanomami, que vivem ao norte do Amazonas, na fronteira com a Venezuela, são o terceiro povo mais atingido pelo garimpo no Brasil. A terra indígena com maior área de garimpo em seus limites é do povo Kayapó, no sul do Pará, seguida pelo território dos Munduruku, no sudoeste do estado (GARRIDO, 2021, n.p.).

Outro problema é o que se refere aos lixões a céu aberto e sem critérios de uso, conforme imagem da Figura 2.

Figura 2 – Professor da UFRR faz alerta para risco de contaminação por mercúrio

Boa Vista/Roraima - 23 de julho de 2022

FOLHA BV

VENHA TRABALHAR COM A GENTE

PREMIUM

encontre na folhadv.com.br

COLUNAS CIDADES ESPORTES POLÍCIA POLÍTICA ECONOMIA VARIEDADES SAÚDE COMPORTAMENTO FOLHA FM

CLASSIFOLHA DIGITAL FALE CONOSCO DENÚNCIA ANUNCIE EDITAIS SOBRE A FOLHA GUIA DE SAÚDE ELEIÇÕES 2022

GARIMPOS E LIXÕES

Professor da UFRR faz alerta para risco de contaminação por mercúrio

Conforme alerta, contaminação pode estar chegando à população urbana por peixes contaminados e lixões a céu aberto e sem critérios de uso

CIDADES

Por Ribamar Rocha
Em 26/05/2016 às 00:36

Compartilhar



Professor afirma que lâmpadas em lixões a céu aberto contém mercúrio (Foto: Divulgação)

O alto nível de mercúrio entre os povos das etnias Yanomami e Ye'kuana já foi apontado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), que divulgou estudo, no início do ano, comprovando a contaminação através da ingestão de peixes que provocaram sérios problemas de saúde nos indígenas, principalmente mulheres e crianças. O nível de mercúrio nas pessoas

Fonte: FOLHA BV, 26 de maio de 2016

O garimpo, denominado Mutum, fica no alto Rio do Uraricoera, em Roraima, quase na Venezuela, em uma das regiões mais desertas do país, com difícil acesso, e sem estradas. Em ação do exército brasileiro, em 2017, foi identificado que mais de mil pessoas estavam no garimpo, que contavam com a estrutura de uma pequena cidade, com salão de beleza e duas mercearias, incluindo comércio de bebidas alcoólicas. A estimativa é a de que o garimpo ilegal produzia cerca de R\$ 8 milhões por semana. Na Figura 3, é possível visualizar garimpeiros atuando de forma ilegal.

Figura 3 – Garimpo ilegal faturava R\$ 8 milhões por semana, estima exército

Boa Vista/Roraima - 21 de julho de 2017

FOLHA BV

Logar mais
VENHA TRABALHAR COM A GENTE

PREMIUM |

COLUMNAS CIDADES ESPORTES POLÍCIA POLÍTICA ECONOMIA VARIEDADES SAÚDE COMPORTAMENTO FOLHA FM
CLASSIFOLHA DIGITAL FALE CONOSCO DENÚNCIA ANUNCIE EDITAIS SOBRE A FOLHA GUIA DE SAÚDE ELEIÇÕES 2022

TERRAS YANOMAMI

Garimpo ilegal faturava R\$ 8 milhões por semana, estima Exército

Operação localizou o garimpo com mais de mil pessoas no meio da Floresta Amazônica

CIDADES

Por Folha Web
Em 12/07/2017 às 21:00

Compartilhar



(Foto: Docuica por imanom)

O garimpo, denominado Mutum, fica no alto Rio do Uraricoera, em Roraima, quase chegando na Venezuela, em uma das regiões mais emersas do país. O local é de difícil acesso, não há estrada.

De acordo com o comandante da ação General Gustavo Dutra mais de mil pessoas estavam no garimpo, que contavam com a estrutura de uma pequena cidade, com salão de beleza e duas mercearias. Tinha até cerveja gelada.

Fonte: FOLHA BV, 12 de julho de 2017

O faturamento é denunciado, também, pelo portal “Um só planeta”, destacando que se trata de uma nova corrida em direção ao ouro.

Da mesma forma como acontece com qualquer outra atividade comercial, o garimpo segue as oscilações de oferta e demanda do mercado. De acordo com o geólogo e coordenador técnico do mapeamento de mineração do MapBiomass, César Diniz, a explosão da atividade garimpeira nos últimos anos está associada à elevação do preço da commodity no mercado internacional. “A partir de 2009, o preço do ouro no mercado internacional iniciou seu movimento de forte alta, movimento que ainda não mostrou sinais de queda”, disse. Além do incentivo financeiro, as condições internas do país também influenciam no aumento da atividade. “Essa relação direta com o retorno financeiro é auxiliada pela ausência de mecanismos

verdadeiramente eficientes de combate e controle do garimpo ilegal”, afirmou (UM SÓ PLANETA, 2022, n.p.).

O Exército brasileiro, durante a Operação Curaretinga X, ao receber informações da inteligência, localizou uma área de garimpo ilegal no interior da Terra Indígena Yanomami. Havia uma estrutura que lembra uma pequena cidade, com comércio e antena parabólica, numa região de difícil acesso e sem estrada. A área foi acessada por meio de helicóptero para evitar fugas, e os militares desceram de rapel. Os militares encontraram cerca de dez motores de garimpo, dez bombas de água, 20 geradores de energia, cinco balsas, oito mil litros de óleo diesel, embarcação, três motores de embarcação, 14 eletrodomésticos, oito eletroeletrônicos, 700 kg de alimentos não perecíveis e 379 litros de bebidas alcoólicas, além de materiais diversos, como roupas de mergulho, botijas de gás entre outros (FOLHA BV, 2017). A Figura 4 ilustra a reportagem do jornal *Folha de Boa Vista*.

Figura 4 – Exército encontra pequena cidade de garimpeiros na Terra Yanomami

Boa Vista/Roraima - 23 de julho de 2022

FOLHA BV

VERBA TRABALHAR COM A GENTE

PREMIUM

encontro na folhabv.com.br

COLUNAS CIDADES ESPORTES **POLÍCIA** POLÍTICA ECONOMIA VARIEDADES SAÚDE COMPORTAMENTO FOLHA FM

CLASSIFOLHA DIGITAL FALE CONOSCO DENÚNCIA ANUNCIE EDITAIS SOBRE A FOLHA GUIA DE SAÚDE ELEIÇÕES 2022

PUBLICIDADE

OPERAÇÃO CURARETINGA

Exército encontra pequena cidade de garimpeiros na Terra Yanomami

Núcleo de garimpeiros tinha cerca de 40 casas, onde viviam aproximadamente 100 pessoas, das quais 18 foram presas

POLÍCIA

Por Folha Web
Em 28/09/2017 às 01:15

Compartilhar



Militares desceram de helicóptero para surpreender os garimpeiros que trabalhavam no local (Foto: Divulgação)

A 1ª Brigada de Infantaria de Selva, durante a Operação Curaretinga X, ao receber informações da inteligência, localizou uma área de garimpo ilegal no interior da Terra Indígena Yanomami. O local tinha a estrutura de uma pequena cidade, com comércio e antena parabólica, numa região de difícil acesso e sem estrada.

Fonte: FOLHA BV, 28 de setembro de 2017

A prática permanece, como atestam as reportagens do jornal *Folha de Boa Vista* ao longo dos meses. Esse tipo de garimpo, na região dos rios Uraricoera e Amajari, região Norte de Roraima, polui as águas com produtos químicos, problemática confirmada pela Fundação Estadual do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Femarh), e leva à queda da pescaria. Pescadores acabam saindo do local, vendendo seus barcos porque não conseguem sustentar a família.

A Figura 5 ilustra a destruição causada pelo garimpo ilegal e como os garimpeiros armam a infraestrutura para sua estadia no local.

Figura 5 – Garimpo ilegal em terra indígena



Fonte: *Amazônia Real*, 2022²

De acordo com Lúcio Flávio Pinto:

Esses garimpeiros, mesmo que alguns deles disso não tenham consciência, se tornaram extensão de organizações criminosas, como o PCC paulista, poderosas e selvagens. O garimpo deixou de ser, bem ou mal, uma simples unidade de produção de ouro (e diamante) e um centro de consumo de drogas. Virou um anexo de autênticas empresas do crime, que assaltam e matam nas cidades e nas frentes pioneiras. Instalaram um autêntico front de guerra nos garimpos, que lhes fornecem bens de alto valor e de difícil rastreamento e ainda possibilitam a lavagem de dinheiro (AMAZÔNIA REAL, 2022).

Além da falta de peixe devido aos produtos químicos, aqueles que são pescados acabam contaminando as pessoas podendo levar à morte, conforme a reportagem “Garimpo ilegal prejudica a pesca”, ilustrada na Figura 6.

²Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/guerra-ao-garimpo-ilegal/>. Acesso em 20 jul. 2022.

Figura 6 – Garimpo ilegal prejudica a pesca

Boa Vista/Roraima – 23 de julho de 2022

FOLHA BV

VERBA TRABALHAR COM A GENTE

PREMIUM

encontre na folhabv.com.br

COLUNAS CIDADES ESPORTES POLÍCIA POLÍTICA ECONOMIA VARIEDADES SAÚDE COMPORTAMENTO FOLHA FM

CLASSIFOLHA DIGITAL FALE CONOSCO DENÚNCIA ANUNCIE EDITAIS SOBRE A FOLHA GUIA DE SAÚDE ELEIÇÕES 2022

PESCADORES ACUSAM

Garimpo ilegal prejudica pesca

Água barrenta e produtos químicos despejados na água estariam inibindo a produção de peixes na região

CIDADES

Por Folha Web
Em 12/02/2018 às 02:02

Compartilhar



Alguns pescadores pensam em vender os barcos por não mais ter como sustentar as famílias (Foto: Diane Commission)

Pescadores que trabalham nos rios Uraricoera e Amajari, região Norte de Roraima, tem sofrido com a poluição das águas, supostamente resultante do garimpo ilegal.

Fonte: FOLHA BV, 12 de fevereiro de 2018

Lideranças Yanomami, acompanhadas de representantes do Instituto Socioambiental (ISA), denunciam constantemente o aumento do garimpo ilegal em seu território, localizado nos estados de Roraima e Amazonas. Os garimpeiros circulam na terra indígena armados fazendo ameaças aos indígenas. Nas denúncias da mineração ilegal, estão os graves danos socioambientais como aumento da prostituição, alcoolismo, pressão sobre o sistema de atenção à saúde indígena associado ao desmatamento e à contaminação de rios, peixes e outros animais. O líder indígena Davi Kopenawa menciona que "O garimpo não é bom para o povo tradicional. Ele não traz benefício pra ninguém. Só traz doença e degradação ambiental. Não tem dinheiro que pague a nossa floresta, os rios e as vidas do nosso povo" (FOLHA BV, 2019, n.p.).

A Figura 7 ilustra a reunião de indígenas com o Ministério Público Federal.

Figura 7 – Yanomami denunciam ao MPF retorno do garimpo

Boa Vista/Roraima - 23 de julho de 2022

FOLHA BV

VENHA TRABALHAR COM A GENTE

PREMIUM

encontre na folhabv.com.br

COLUNAS CIDADES ESPORTES POLÍCIA POLÍTICA ECONOMIA VARIEDADES SAÚDE COMPORTAMENTO FOLHA FM

CLASSIFOLHA DIGITAL FALE CONOSCO DENÚNCIA ANUNCIE EDITAIS SOBRE A FOLHA GUIA DE SAÚDE ELEIÇÕES 2022

TERRAS INDÍGENAS

Yanomami denunciam ao MPF retorno do garimpo

O líder indígena Davi Kopenawa relatou preocupação com as consequências que o garimpo ilegal pode trazer para a etnia e para o meio ambiente

CIDADES

Por Folha Web
Em 18/05/2019 às 01:16

Compartilhar



Lideranças participaram de reunião na Câmara de Populações Indígenas e Comunidades Tradicionais do MPF (Foto: Divulgação)

Lideranças Yanomami, acompanhadas de representantes do Instituto Socioambiental (ISA), estiveram na Câmara de Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais do Ministério Público Federal para denunciar o aumento do garimpo ilegal em seu território, localizado nos estados de Roraima e Amazonas.

Fonte: FOLHA BV, 18 de maio de 2019

O missionário Corrado Dalmonego, que trabalha na Amazônia, considerou hoje que os exploradores ilegais de ouro são a mais grave ameaça no maior território indígena do Brasil, a terra Yanomami: “A maior ameaça para o povo Yanomami, hoje, é constituída pela invasão do seu território por milhares, dezenas de milhares de exploradores ilegais de ouro, conhecidos como garimpeiros” (FOLHA BV, 2019).

O trabalho missionário é destacado pelo jornal *Folha de Boa Vista* e mostra como é importante uma vez que divulga para fora do país os acontecimentos nas terras indígenas. É um trabalho de acompanhamento da vida do povo Yanomami em diferentes frentes, como a formação, educação, direitos, questões territoriais, mas

também o trabalho de órgãos públicos no âmbito da saúde. Acresce ainda a promoção e proteção da cultura e língua indígenas. Enfatiza que não há objetivo evangelizatório:

Nunca se impõe uma evangelização, a evangelização não existe fora de um diálogo. O diálogo existe sempre na escuta e no falar, tem as duas dinâmicas. [...] Os Yanomami perguntam-me sobre o que Deus nos fala perante determinadas situações. Eles pedem-nos para rezar, por exemplo, para alcançar a cura de um doente (FOLHA BV, 2019).

A Figura 8 ilustra a reportagem “Exploradores de ouro são ameaça na maior terra indígena do Brasil”.

Figura 8 – Exploradores de ouro são ameaça na maior terra indígena do Brasil

The image shows a screenshot of a news article from FOLHA BV. The page header includes the date 'Boa Vista/Pará - 23 de julho de 2022', the FOLHA BV logo, and a search bar. Below the header is a navigation menu with categories like COLINAS, CIDADES, ESPORTES, POLÍCIA, POLÍTICA, ECONOMIA, VARIEDADES, SAÚDE, COMPORTAMENTO, FOLHA FM, CLASSIFOLHA, DIGITAL, FALE CONOSCO, DENÚNCIA, ANUNCIE, EDITAIS, SOBRE A FOLHA, GUIA DE SAÚDE, and ELEIÇÕES 2022. The article title is 'Exploradores de ouro são ameaça na maior terra indígena do Brasil' under the 'YANOMAMI' category. A sub-headline reads 'O ouro tem sido explorado por dezenas de milhares de garimpeiros'. A blue button labeled 'ECONOMIA' is visible. Below the article information, there is a 'Compartilhar' button and a photograph of gold nuggets in a pan. A caption below the photo states: 'O ouro tem sido explorado por dezenas de milhares de garimpeiros (Foto: Agência Lusa / Brasil)'. The main text of the article begins with: 'O missionário Corrado Dalmonego, que trabalha na Amazônia, considerou hoje que os exploradores ilegais de ouro são a mais grave ameaça no maior território indígena do Brasil, a terra Yanomami.'

Fonte: FOLHA BV, 06 de outubro de 2019

As denúncias da *Folha de Boa Vista*, com reportagens entre 2017 e 2020, conforme as Figuras de 2 a 7, fazem parte do histórico recente da ilegalidade do garimpo e seus malefícios para indígenas e ribeirinhos. O garimpo ilegal permanece como uma endemia.

A Figura 9 exhibe como garimpeiros se alojam no território, com anuência do governo federal.

Figura 9 – Invasão de garimpeiros



Fonte: *El País*, 2019

O Jornal *El País* faz a denúncia:

A atividade vem sendo promovida pelo Governo brasileiro nos últimos dois anos, e já deixa marcas. Uma reportagem feita pelo EL PAÍS mostrou que a extração de ouro ilegal na Amazônia despejou um volume estimado em 100 toneladas de mercúrio nos rios da região. A exposição ao metal neurotóxico pode deixar danos graves e permanentes como problemas de ordem cognitiva e motora, perda de visão, além de implicações renais, cardíacas e no sistema reprodutor. Esse ouro foi exportado pelo Brasil para países como

Canadá, Reino Unido e Suíça —ironicamente, nações que também tentam vender a imagem de comprometidos com a causa ambiental (EL PAÍS, 2021, n.p.).

Há falta de fiscalização e punição efetiva para garimpeiros na região de terras indígenas. O Ministério Público Federal e líderes indígenas denunciam que o monitoramento para entrada de pessoas nas comunidades não é suficiente e a passagem dos garimpeiros ocorre sem maiores problemas para os mesmos. Além disso, conforme a reportagem da Figura 10, há “[...] o ingresso de bebida alcoólica e drogas nas áreas demarcadas. Outros problemas citados foram a violência sexual cometida contra jovens e mulheres indígenas e os danos aos rios e serras, pela intensa mineração” (PANORÂMICA NEWS, 20 de julho de 2022).

Figura 10 – MPF e líderes indígenas se reúnem para tratar do garimpo ilegal em Roraima

Meio ambiente \ GARIMPO ILEGAL

MPF e líderes indígenas se reúnem para tratar do garimpo ilegal em Roraima

As lideranças relataram os principais problemas causados pela atividade mineradora em terras indígenas

20/07/2022 15h47

Por: Ribamar Rocha \ Fonte: Ascom - Procuradoria da República em Roraima



Foto: Ascom MPF

O Ministério Público Federal (MPF) recebeu líderes e membros de comunidades indígenas ontem, terça-feira (19), para tratar sobre a mineração ilegal nas áreas demarcadas do norte de Roraima. A ocasião fez parte da atuação do órgão na defesa das minorias e povos indígenas, que contou com a presença de seis procuradores do MPF.

A reunião com lideranças e membros de comunidades indígenas ocorreu para escuta da situação atual quanto ao garimpo ilegal, que causa danos ambientais e sociais para os povos originários da região. Representantes das comunidades, principalmente da Raposa Serra do Sol, e do Conselho Indígena de Roraima

(CIR) apontaram a incapacidade do grupo de combater sozinho os problemas gerados pelo crime socioambiental.

Conforme os indígenas, é realizado um monitoramento para entrada de pessoas nas comunidades, mas não é suficiente para impedir a passagem dos garimpeiros e o ingresso de bebida alcoólica e drogas nas áreas demarcadas. Outros problemas citados foram a violência sexual cometida contra jovens e mulheres indígenas e os danos aos rios e serras, pela intensa mineração.

Para o procurador Matheus de Andrade Bueno, é importante a presença dos demais oficiais para tratar do garimpo ilegal no estado. “A mineração ilegal nas terras indígenas é um problema transversal, por isso é importante a participação de toda a procuradoria de Roraima nessa reunião, principalmente pelos atuais eventos ocorridos nas comunidades”, afirmou.

Fonte: *Panorâmica News*, 20 de julho de 2022

A realidade do garimpo ilegal permanece levando a consequências como a que o líder indígena Dário Kopenawa Yanomami denuncia, no caso, o descaso com a saúde dos Yanomami, destacando a falta de atendimento médico, além da deficiência de fiscalização ambiental. A situação é tão caótica que crianças indígenas estão expelindo vermes pela boca, conforme reportagem da Figura 11.

Figura 11 - Líder denuncia descaso com crianças Yanomami: “estão morrendo com vermes”

Boa Vista/Roraima - 25 de julho de 2022

FOLHA BV

Logar me! VEMBA TRABALHAR COM A GENTE

PREMIUM

COLUNAS CIDADES ESPORTES **POLÍCIA** POLÍTICA ECONOMIA VARIEDADES SAÚDE COMPORTAMENTO FOLHA FM

CLASSIFOLHA DIGITAL FALE CONOSCO DENÚNCIA ANUNCIE EDITAIS SOBRE A FOLHA GUIA DE SAÚDE ELEIÇÕES 2022

TIYANOMAMI

Líder denuncia descaso com crianças Yanomami; 'estão morrendo com vermes'

O líder indígena Dário Kopenawa Yanomami voltou a denunciar um "caos sanitário e humanitário" e a publicar relatos de crianças morrendo por vermes e malária

SAÚDE

Por Folha Web

Em 24/07/2022 às 18:01

Compartilhar



Dário Kopenawa fez denúncias sobre saúde yanomami

Fonte: FOLHA BV, 24 de julho de 2022

Dario Kopenawa destaca que:

“Na TIY [Terra Indígena Yanomami], as nossas crianças estão morrendo por vermes e malária, DSEI- Yanomami e Sesai de Brasília não cobram medicamentos. Sem medicamentos nas bases, nossa saúde Yanomami está em colapso, vejam as imagens, vermes que sai da boca”, desabafou Dário Yanomami (Fonte: Folha BV, 2022, n. p.).

Há uma precariedade geral da saúde oferecida aos Yanomami e há o agravamento deste cenário com os problemas do garimpo. A Figura 12 exhibe os vermes mencionados pelo líder indígena.

Figura 12 – Vermes expelidos pela boca



Dário Kopenawa Yanomami ✓ ... · 3d ⋮

Na TIY às nossas crianças estão morrendo por Vermes e Malária, DSEI-Yanomami e SESAI de Brasília não cobram medicamentos, sem medicamentos nas bases, nossa saúde Yanomami está colapsos, vejam as imagens, vermes que sai na boca!

[@SESAI_MS](#)



8

146

263



Fonte: FOLHA BV, 24 de julho de 2022

A reportagem da Figura 13 destaca que “Estima-se que 20 mil garimpeiros ilegais atuem no território. A atividade de mineração que contamina os rios com mercúrio tem causado deformidades e doenças em mulheres e crianças” (RORAIMA 1, 22 de julho de 2022).

Figura 13 – “Caso Sanitário e humanitário”

‘Caos sanitário e humanitário’ – denuncia líder sobre situação de Yanomamis em Roraima

A falta, ou escassez, de atendimento médico, aliada à deficiência de fiscalização ambiental, empurra os Yanomami para um cenário desesperador.

Por Portal Roraima 1 - 22/07/2022 09:47



Dário Kopenawa Yanomami é vice-presidente da Hutukara Associação Yanomami. Foto: divulgação.

O líder indígena Dário Kopenawa Yanomami voltou a denunciar um “caos sanitário e humanitário” entre a população de seu povo e a publicar relatos de crianças da etnia morrendo por conta da infecção de vermes e malária em Terras Indígenas Yanomami entre os Estados de Roraima e Amazonas. O vice-presidente da Hutukara Associação Yanomami (HAY) afirmou, em uma publicação nas redes sociais, na quarta-feira, 20, que a saúde da região está em colapso em meio à falta de medicamentos.

Fonte: *Roraima 1*, 22 de julho de 2022

As matérias indicam que o garimpo ilegal prejudica seriamente às comunidades indígenas. Novamente se percebe, ainda, que as pessoas mais vulneráveis, como as crianças, sofrem mais ainda. As comunidades indígenas precisam do trabalho jornalístico para que sejam denunciadas as atrocidades cometidas em nome da ganância humana. Assim, a história vai sendo escrita pelos jornais e os jornalistas assumem o papel de narrarem e dar voz a quem não possui meios de chegar às autoridades e à população mundial.

3.2 ENTREVISTA COM A DIRETORA

Paula Cruz é diretora da *Folha de Boa Vista*. Em entrevista a este pesquisador, pontuou seu trabalho como diretora e editora da *Folha de Boa Vista*,

em relação às matérias sobre garimpo em terras indígenas, quais os princípios motivadores para a elaboração das matérias sobre o tema, destacando a pertinência e oportunidade, conforme os fatos se dão. Menciona Cruz (APÊNDICE 1)³ que são temas de interesse geral.

Sobre a linha editorial, a orientação que determina a pauta e elaboração desse tipo de matéria, uma editoria permanente, destaca Cruz que são matérias *on demand*, sem uma linha editorial, uma orientação que determine produção de matérias que cubram temática ambiental, indígena, garimpo. Isso porque são matérias de interesse comum e são publicadas na medida em que surgem.

Em relação às matérias sobre garimpo em terras indígenas questões como direito coletivo, jornalismo ambiental, saúde coletiva, demanda social e respeito à minoria, são consideradas essenciais porque um dos princípios da *Folha* é ser porta voz da sociedade. Matérias sobre garimpo em terras indígenas, assim como questões como direito coletivo, jornalismo ambiental, saúde coletiva, demanda social, respeito às minorias são prioridades em nossas pautas, na determinação de pautas a serem cumpridas, não só do jornalismo ambiental, mas de temas de apelo social como saúde coletiva, respeito às minorias etc.

Na edição das matérias publicadas pela *Folha de Boa Vista*, menciona que não há influência de movimentos e tendências mundiais. O que há é uma consciência, conceito bem diferente de influência:

Uma coisa é ser influenciável, outra é você se sentir fazer parte de uma sociedade, de um meio e ter responsabilidade por isso. Acho uma coisa muito... porque é uma tendência, sofre uma influência, não! Parece coisa de modinha e a *Folha* não segue modinha. A *Folha* segue um princípio de respeito à sociedade e principalmente à sociedade que Ela faz parte que é a sociedade de Roraima. A gente tem preocupação constante em fazer matérias sobre qualidade de água, da qualidade dos nossos rios, defesa do meio ambiente de forma responsável e não de forma ambientalista, sem levantamento de bandeiras, ou nada disso. As matérias são feitas quando a editoria julga ser de interesse da sociedade, de forma independente e sem essa tendência que alguns veículos, e até a própria academia quer que tenha. Não somos um jornal ambientalista. Somos um jornal comprometido com as questões sociais. São coisas totalmente diferentes. A gente faz constantemente matérias relacionadas à qualidade da água de rio, desmatamento, queimadas, chama a atenção, por exemplo para que haja uma conscientização dos

³ As menções às falas de Paula Cruz estão no Apêndice 1.

pequenos produtores em relação ao período do início das queimadas, tudo isso (APÊNDICE 1).

Na elaboração, publicação em sequência da cobertura da temática do garimpo em terras indígenas há utilização não específica sobre técnicas biográficas, mas destaca que a cobertura é feita de forma factual com link das materiais anteriores. Desta forma, há uma interligação com matérias que já foram publicadas

Indagada sobre a elaboração das reportagens sobre o garimpo em terras indígenas, se há hierarquia de fontes e de seus discursos, e se os discursos das fontes iniciam e concluem a narrativa jornalística, responde que:

[...] na maioria das vezes sim. Na hierarquia de fontes, sempre as fontes oficiais terão prioridade. Mas como a Folha de Boa Vista faz um jornalismo social muito ligado principalmente aos sindicatos e organizações de classe, a gente sempre procura ouvir os representantes desses grupos, mas na hierarquia de fontes, as fontes oficiais ainda prevalecem (APÊNDICE 1).

O jornalista ou o meio jornalístico confronta, exacerba as diferenças ou compatibiliza os sentidos dos discursos das fontes (MOUILLAUD, 2022). Os vários atores, garimpeiros, empresários e financiadores, indígenas, ribeirinhos, autoridades e público são ouvidos e representados nas matérias publicadas pela *Folha de Boa Vista*. Isso para que haja equilíbrio, “sem paixões e nem modismos ridículos como paixões. Não acho só perante os ambientalistas que querem impor uma pauta que a sociedade local na maioria abomina” (APÊNDICE 1).

Destaca que os discursos das matérias publicadas pela *Folha de Boa Vista* contribuem para uma narrativa jornalística noticiosa (instantânea), interpretativa, interpretativa também com caráter noticioso, investigativa, investigativa também com caráter noticioso, investigativa também com caráter interpretativo, investigativa com caráter noticioso e interpretativo. Constata-se um hibridismo jornalístico conforme menciona Almeida (2008) como característica de livros reportagens e outras modalidades, como o caso do jornal, também, envolvendo perfil, depoimento, retrato, ciência, ambiente, história, nova consciência, instantâneo, ensaio e viagem.

3.3 ENTREVISTA COM O EDITOR

Ribamar Rocha foi redator da *Folha de Boa Vista* por muitos anos. Em seu trabalho como jornalista do veículo de comunicação, em relação às matérias sobre garimpo em terras indígenas, a quais os princípios motivadores para a elaboração das matérias sobre o tema, destaca a preocupação em buscar informações com fontes verdadeiras e deixar a população bem informada sempre é uma constante no Grupo Folha de Boa Vista.

A linha editorial é pautada sempre pelo que chama de “verdade na apuração dos fatos”. Destaca as pessoas que trabalham no Jornal *Folha de Boa Vista* possuírem sua identidade muito próxima das pessoas que estão sendo marginalizadas. Menciona um Editor Chefe que trabalhou no jornal e era indígena (Jessé Souza), o que facilitou o entendimento e a profundidade da reportagem.

Em relação às matérias sobre garimpo em terras indígenas, questões como direito coletivo, jornalismo ambiental, saúde coletiva, demanda social e respeito à minoria, são considerados e influenciam na construção do discurso jornalístico, menciona que o jornal é voz da minoria e do coletivo, sempre respeitando e ouvindo os dois lados da questão, tendo isso como base ao produzir seu material jornalístico.

Também destaca que não há influências externas, mas que seguem em busca da verdade dos fatos, apurada sempre dando as versões dos envolvidos. Cabe a sociedade ler, analisar e entender: ‘A Folha tem como fundamental na produção de suas reportagens, ouvir todos os lados envolvidos e dar a versão jornalística mais isenta possível. Assim deixando ao leitor a decisão do seu olhar de entendimento.’ (APÊNDICE 2).

Rocha menciona que “os profissionais da Folha tem o cuidado de pesquisar biografias e usar cronologia de reportagens anteriores em suas reportagens sempre que assim precise para manter seu leitor bem informado” (APÊNDICE 2). No uso de fontes, como em matéria da Folha (2016) exposta no item 3.1, destaca a importância da entrevista para embasamento para a formatação da reportagem:

Depois foi colhido material de pesquisa junto a entidades e órgãos científicos com dados sobre o tema, o que deu um enorme satisfação e produzir o material que classifico como Jornalismo Ambiental e de relevante informação de alerta para a população do Estado, bem como de subsídio para os órgãos ambientais traçarem estratégias de

políticas públicas de combate à poluição dos nossos rios (APÊNDICE 2).

Na elaboração das reportagens sobre o garimpo em terras indígenas, há hierarquia de fontes e de seus discursos, respeitando-se o que é falado pelas fontes entrevistadas. “Embora entenda que só isso não basta para a reportagem. Há sempre a busca por checagem do que disse a fonte e informações secundárias de outras fontes” (APÊNDICE 2).

Os discursos presentes nas matérias publicadas pela *Folha de Boa Vista* são representados através de técnicas de entrevista e edição, no geral construídas através de lead. Podem, no entanto, dependendo do contexto e complexidade do tema, serem inseridos recursos técnicos possíveis para melhor apurar a reportagem.

O Jornal *Folha de Boa Vista* dá vazão e razão às fontes fidedignas na construção de suas reportagens, destaca Rocha, sempre buscando a verdade da realidade, como também do contexto social, ouvindo e dando a oportunidade de todos os lados expressarem suas opiniões (APÊNDICE 2).

Ao ser indagado se o discurso do jornalista, do meio jornalístico ou das fontes trata o fato ou o tema do particular para o geral (sistêmico) ou do geral para o particular (contextualização) nas matérias publicadas, respondeu que “os dois pontos são trabalhados dentro do jornalismo. A forma de como isso é abordado depende do tema ou de como o jornalista inicia a reportagem. Embora a contextualização seja a mais usual” (APÊNDICE 2).

Os discursos das fontes não oficiais nas matérias publicadas pela *Folha de Boa Vista* são citados diretamente: “O jornalista não substitui discurso, mas pesquisa dados para o complemento da matéria” (APÊNDICE 2).

A partir do panorama da *Folha de Boa Vista* oferecido pela diretora e pelo jornalista, o biografismo do jornal, é escrito por jornalistas que narram os acontecimentos tais quais ocorrem. Uma compilação das matérias do periódico ao longo dos anos poderia levar a um livro-reportagem.

Trata-se da elaboração de material jornalístico a partir da pauta do garimpo ilegal, que é apurado, selecionado e editado, além de interpretado, mas cuja

interpretação pode ser realizada pelo leitor, seja pelo texto, seja pelas imagens que sempre acompanham as matérias.

4 RELATO DE VIVÊNCIAS EM COMUNIDADES INDÍGENAS

O relato de experiência se dá a partir da participação observante (ESTRELA, 2018), materializado no autobiografismo constante no Apêndice 3. No caso, atuar nesta pesquisa é minha obrigação como trabalhador, pesquisador e membro atuante da sociedade civil pela justiça e dignidade em relação aos povos sofridos com o garimpo ilegal.

4.1 JORNALISTA, MÉDICO E ADVOGADO

Conforme Domingos (2016, p. 28), a investigação a partir da experiência dá origem a um conhecimento que não funciona exatamente como informação, nem como conhecimento cumulativo, mas dar origem a um pensamento vivo. O objetivo da investigação da experiência é poder partir do vivido para torná-lo pensável e exprimível através da história. Fazer isso significa privilegiar aquelas mediações simbólicas que não são abstrações, mas acompanhamentos da própria experiência, para melhor abrir os sentidos e as diferentes camadas de sentido que uma história sugere. E a história chega a quem a lê através das conexões subjetivas que o receptor faz entre aquela história e sua experiência, conexões que, como indica Paul Ricoeur (1995, p. 1001), apelam mais à imaginação do que à vontade. E abrir a imaginação é abrir o espectro do que é possível.

Sou⁴ pesquisador, envolvido na temática em pesquisa, jornalista, médico infectologista especialista em saúde indígena, indigenista e bacharel em direito, em experiência com o garimpo utilizando mercúrio em terras indígenas. É brasileiro nato, proveniente de mistura de raças com a mais riqueza genética do planeta. De pai com origens bugras (etnia bororo do Marechal Rondon), portuguesas (Souza) e negras provenientes da Terra de Todos os Santos da Bahia. De mãe Branca, Judia e “nobreza” geneológica Gonzaga (sobrenome de poeta da inconfidência e da família real portuguesa de origem italiana – Milano), Malé dos Militares Belgas que construíram as primeiras e mais importantes ferrovias do Império. Nascido na capital industrial da fumaça São Paulo e criado em Goiás e no Nordeste (Pernambuco) onde estudei interno em colégios americanos (Patologia Clínica e Teologia). Sou um

⁴ A construção do relato de experiência se dá em primeira pessoa. Toma como sustentação teórica LEAL, Erotildes Maria; SERPA JUNIOR, Octavio Domont de. Acesso à experiência em primeira pessoa na pesquisa em Saúde Mental. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, p. 2939-2948, 2013.

pouco de todos e de tudo e procuro entender todos os atores sociais envolvidos na atividade garimpeira em terras indígenas:

Entendo-me enquanto nordestino que foge da seca miserável dos “coronéis” (vivi em Pernambuco por cinco anos na década de 1980) e vem para o Norte chuvoso em busca de esperança para amenizar a fome dos filhos. Aqui, encontra um lote limitado e uma sofrível assistência técnica, vive de vender o direito à madeira dos 20% de desmatamento que tem direito. Sem recursos, usa da queimada para limpar o resto que sobrou do desmate. Sem assistência técnica, faz sua roça com pouca produtividade, degrada o solo, o torna estéril, abandona o assentamento, vai a busca de um novo para desmatar, agora no nome da mulher da quem não é casado no papel ou de um filho maior.

E assim o ciclo do desmatamento pela sobrevivência. Quando não há mais filhos para titular lotes de reforma agrária, a família se cansa e busca a periferia das cidades onde o subemprego é predominante e a disputa com os imigrantes venezuelanos é desigual. Pai e filhos homens sem formação técnica vivem de bicos e por vezes se misturam com as facções criminosas que dividem o controle dos bairros periféricos de Boa Vista e de outras cidades. Mãe e filhas se prostituem ou servem de “aviões” para o tráfico.

Em Roraima, 45,3% da população residente veio de fora (GONÇALVES, 2014). Os programas sociais governamentais são demagogos, populistas e pífijs. Não respondem às demandas por formação de mão de obra técnica em um estado em que não há indústrias e oferece poucos empregos formais. Para os políticos tradicionais, é interessante a dependência social e a miséria intelectual. Inclusive, há toda uma preparação por parte dos defensores do garimpo pela via política, com candidatos a cargos federais. Um dos candidatos⁵ defende o garimpo da seguinte forma:

Vamos defender o garimpeiro. É a maior atividade econômica da Amazônia em número de pessoas. Não tem nenhuma outra com a qual ela possa ser comparada. Atrás do garimpeiro, vem o

⁵ O nome do candidato será preservado, mas pode ser conferido na reportagem. G1. As lideranças ligadas ao garimpo na Amazônia que vão tentar vaga no Congresso na eleição de outubro. **G1**, 30 de maio de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/meio-ambiente/amazonia/noticia/2022/05/30/as-liderancas-ligadas-ao-garimpo-na-amazonia-que-vaotentar-vaga-no-congresso-na-eleicao-de-outubro.ghtml>. Acesso em 18 jul. 2022.

comerciante, tem toda uma economia por trás. Por último, chega o fazendeiro que cria a cidade. (G1, 2022a, n.p.).

Estudo divulgado pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV Social) de junho de 2022 aponta que 46,16% da população de Roraima estão na linha da pobreza, enquanto a média brasileira é de 29,62%. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE nos últimos dois anos a taxa de desemprego no estado oscilou entre 8,8% e 14,4%, o que representa mais de 60 mil desempregados dos 652 713 habitantes de Roraima, segundo estimativas de 2021 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Entre esses desempregados ou subempregados há uma grande parcela que encontra no garimpo ilegal a única e mais lucrativa saída para a desocupação.

Nos mais de 10 milhões de hectares do território Yanomami (Amazonas e Roraima), Mapbiomas constata que o garimpo na região cresceu 3.350% de 2016 a 2020. (MAURANO; ESCADA, 2019). Com o aumento populacional e o desmatamento indiscriminado, há incremento de casos de malária, leishmaniose e outras doenças infectocontagiosas, e também contaminação dos rios com mercúrio, técnica rudimentar no processo de depuração do ouro, causando danos irreversíveis à saúde de peixes, seres humanos e desequilíbrio do ecossistema. Os danos ambientais causados pelo mercúrio e os impactos do desmatamento também levam à desnutrição. Na terra indígena Yanomami, a destruição causada pelo garimpo é uma realidade que pode ser constatada em números, conforme a Figura 14. A quantidade de garimpeiros aproximaria-se da de indígenas: estimam-se 20 mil garimpeiros e 28 mil Yanomami, alguns ainda isolados, em 371 aldeias. (DOMENICI, 2021).

Figura 14 – Destruição causada pelo garimpo



Fonte: Conectas, 2020

Se não fossem suficientes os problemas e gargalos crônicos que afetam as regiões fronteiriças brasileiras, longínquas dos grandes centros econômicos, segundo dados da Agência da ONU para Refugiados-Acnur, cerca de 250 mil venezuelanos, fugidos da crise venezuelana, adentraram o estado de Roraima desde 2015, em uma média de 500 refugiados por dia (CARVALHO, 2019).

Entre esse quarto de milhão de pessoas, a maioria é de analfabetos, ou com pouca escolaridade, e sem formação técnica, indígenas warao e pemon, pessoas com deficiências físicas e mentais, portadores de doenças crônicas que necessitam atenção especial e contínua do estado brasileiro, além da promoção da sobrevivência pelo fornecimento de comida, moradia e assistência em saúde. A imigração passou a ser mais um elemento de pressão na luta pela sobrevivência e oferta barata de mão de obra vulnerável para a atividade garimpeira ilegal.

Entre os garimpeiros ilegais, há um recorte social muito diversificado, desde nordestinos que fogem da seca; pais e mães de família desempregados pela crise econômica; integrantes de facções criminosas vindos de São Paulo e Rio de Janeiro, próprios indígenas cooptados pela facilidade do ganho instantâneo e sem esforço,

há também cobrança de pedágios pelas comunidades indígenas afetadas em troca de ouro, armas e alimentos. Sou prova viva dessa conformação de atores e interesses como médico especialista em saúde indígena atuando por 5 anos na Casai Yanomami (unidade que dá suporte aos indígenas Yanomami que vem da Terra Indígena para receber acompanhamento e tratamento médico) até fevereiro de 2022.

E como médico infectologista, especialista em Psiquiatria e Dependência Química atuando no Sistema Penitenciário (Penitenciaria Agrícola do Monte Cristo – PAMC-RR) e Cadeia Pública de Boa Vista, escutei dezenas de relatos de como funciona a dinâmica da relação entre garimpeiros e indígenas, como lideranças indígenas locais, funcionários públicos e policiais, são cooptadas para permitir a atividade garimpeira em suas comunidades. Entre os grandes financiadores da atividade garimpeira, estão grandes empresários de setores como aviação e logística, bem como autoridades e políticos de todas as cores partidárias.

Também ouvi relatos de apenados recolhidos na PAMC-RR, pertencentes a organizações criminosas como Primeiro Comando da Capital e Comando Vermelho que estavam trabalhando em garimpos ilegais em território indígena, que foram identificados e presos, ou para buscar atendimento médico na cidade. Segundo esses reeducandos há relatos de que haja recrutamento, financiamento, provisão de logística e de armamento por parte de entidades criminosas de alcance internacional para operacionalização da atividade garimpeira, já que esses tentáculos se estendem desde as grandes capitais de consumo de drogas até em países periféricos como Paraguai, Bolívia e Colômbia, de onde se originam as grandes produções de drogas, como a cocaína. Um entrelace de tráfico de drogas, crimes comuns, mineração ilegal para financiar a manutenção e eternização do controle do crime por organizações estruturadas.

O artigo “Territórios e Caminhos do Crime Ambiental na Amazônia Brasileira: da floresta às demais cidades do país”, lançado pelo Instituto Igarapé em julho de 2022, é um estudo que integra a série “Mapeando o Crime Ambiental na Amazônia” a partir de mais de 300 operações da Polícia Federal (PF) entre 2016 e 2021. O estudo conclui a respeito do crime ambiental e organizado na Amazônia e de abrangência nacional. Dos estados brasileiros, 24 estados se relacionam com os crimes ambientais da Amazônia, seja por financiamento ou compra de produtos de

origem extrativista ilegal. E 141 (31%) das 451 regiões onde esses crimes ambientais ocorrem são territórios indígenas. Trinta e sete Terras Indígenas (Tis) foram alvos de operações policiais por crimes ambientais de várias naturezas envolvendo desmatamento e mineração ilegal, sendo a mais atingida TI Yanomami em Roraima, com 26 aparições em ações policiais de combate à mineração ilegal e extração ilegal de madeira. Dessas operações, 19 Terras Indígenas foram relacionadas com crimes violentos (INSTITUTO IGARAPÉ, 2022).

Outro artigo publicado em fevereiro do mesmo ano, “O ecossistema do crime ambiental na Amazônia: uma análise das economias ilícitas da floresta”, traz informações sobre o ecossistema de criminalidade que relaciona crimes ambientais e não ambientais, crimes financeiros, tributários, corrupção, fraude e crimes violentos em uma esfera transfronteiriça e transnacional. As operações abordaram ramificações de organizações criminosas na Guiana Francesa e Venezuela (cinco cada), Suriname (quatro), Colômbia (duas), Paraguai e Bolívia (um cada). Os pesquisadores concluem que Brasil como um todo é culpado pelos crimes amazônicos, mas a região é a mais impactada socialmente, sofre economicamente e com as agressões ambientais. Lacunas na legislação e na fiscalização de controle de operações financeiras e no comércio de produtos que abastecem as atividades ambientais ilegais facilitam o incremento do passivo ambiental (WAISBICH; RISSO; HUSEK, 2022).

Especificamente em relação ao garimpo ilegal, as 350 regiões onde se identificaram crimes relacionados ao ilícito, 80% estão na Amazônia Legal; segundo o estudo 125 cidades e 20 estados brasileiros se relacionam com a mineração ilegal. Em Roraima, como destaque nacional foi apontado o município de Alto Alegre (RR), onde se concentra a maior parte da TI Yanomami, região da bacia do Uraricoera, que é mais afetada com a atividade garimpeira ilegal (FOLHA BV, 2022). A Figura 15 destaca as ações do crime organizado.

Figura 15 – Terra Yanomami é destaque em estudo sobre o crime organizado na Amazônia

Boa Vista/Roraima – 24 de julho de 2022

FOLHA BV

Boa Vista/Roraima – 24 de julho de 2022

VERBA TRABALHAR COM A GENTE

PREMIUM

encontre na folhaby.com.br

COLUNAS CIDADES ESPORTES **POLÍCIA** POLÍTICA ECONOMIA VARIEDADES SAÚDE COMPORTAMENTO FOLHA FM

CLASSIFOLHA DIGITAL FALE COM OS COIS DENÚNCIA ANUNCIE EDITAIS SOBRE A FOLHA GUIA DE SAÚDE ELEIÇÕES 2022

MINERAÇÃO E DESMATAMENTO

Terra Yanomami é destaque em estudo sobre o crime organizado na Amazônia

26 ações policiais foram realizadas na TI Yanomami em Roraima ligadas ao combate à mineração ilegal e extração ilegal de madeira

CIDADES

Por Folha Web
Em 20/07/2022 às 11:00

Compartilhar



Fonte: FOLHA BV, 20 de julho de 2022

Essa anarquia perversa que prospera e se pereniza nas terras indígenas de Roraima e da Amazônia, se deve mais que nada à falta de regulamentação da atividade econômica, seja mineradora e de outras atividades econômicas em terras indígenas. Igual às drogas, se não há controle estrito pelo estado, a desordem persevera e prospera, onde tudo vale, e atores vivos e inanimados mais sensíveis e vulneráveis como as populações indígenas e ribeirinhas, a floresta e seus recursos naturais, sofrem as consequências da contaminação de mananciais e suas ramificações troncais que fornecem a água para consumo humano e animal nas cidades e nos meios rurais, colocando a saúde coletiva em risco.

Nas regiões mais ricas em minérios do mundo, persevera a condição dos piores índices de desenvolvimento humano (IDH) do mundo. Os níveis de proteína

entre as crianças Yanomami são iguais ou piores que os das crianças africanas mais desassistidas. A Figura 16 expõe o drama em terras Yanomami:

Figura 16 – Criança Yanomami



Fonte: Autobiografismo – Apêndice 3

História do recente contato entre “Branços civilizados” e Yanomami em menos de 50 anos, nos traz um relato de altíssimos investimentos anuais em saúde indígena sem resolutividade porque a maior parte dos recursos se perde em atividades meio e não chega na ponta para melhorar os índices lamentáveis de mortalidade infantil, incidência de doenças infectocontagiosas tais como hepatites, tuberculose, Aids, Malárias, síndromes diarreicas e pneumonias. Os patrocinadores do garimpo ilegal, tais como empresários, líderes indígenas e políticos são os mesmos que controlam e prestam serviço nos distritos indígenas nos setores meio tal como o transporte aéreo.

4.2 AS COMUNIDADES INDÍGENAS

Eu fui criado em São Paulo, capital, em um ambiente urbano e nada a ver com minhas origens indígenas do cerrado goiano e mato-grossense, passava minhas férias entre os indígenas na casa de meu tio pastor presbiteriano e indigenista entre os Xavantes na região de Barra do Garças na divisa do MT com Goiás.

Meu pai, com traços caboclos e mamelucos, desde a primaria se destacou entre uma família de treze irmãos cujas matrizes indígena, negra e luso-brasileira produziu. Entre os irmãos, meu pai o Zezé, desde cedo se apaixonou pela literatura e convivendo com os missionários americanos presbiterianos que fundaram as primeiras escolas confessionais no sudoeste goiano no início do século XX, na época ainda presentes em algumas comunidades indígenas bororas na região onde hoje se encontra o Parque Nacional das Emas, aprendeu a ler e falar latim e inglês. Na adolescência, foi enviado para o Instituto Gamon em Lavras – MG, onde construiu suas bases acadêmicas para ser aprovado como o primeiro calouro com origens indígenas na Faculdade de Direito do Largo São Francisco – Universidade de São Paulo – USP, onde se formou em 1948 aos 24 anos. No final de sua trajetória na Terra, se dedicou à literatura lançando várias coletâneas de poemas e crônicas e um ensaio romântico e biográfico de um personagem que se origina nos sertões do Brasil e chega a Presidente da República: “O Presidente Caboclo”.

Com meu pai, por ser o quarto filho e o companheiro de todas as viagens, aprendi, nas férias em Mato Grosso, no meio da mata e dos Rios Araguaia e Garças, cujas praias serviam de acampamento, em direção a uma fazenda de gado que ele comprou com meu tio, duas lições inesquecíveis : amar profundamente a natureza, a floresta intocada, os mananciais limpos, a convivência harmoniosa entre todos os seus elementos animados, inanimados e espirituais; conviver e admirar os parentes Xavantes, etnia mais próxima e mais integrada aos meus antepassados diretos, os Bororos. Na casa de meu tio em Barra do Garças, funcionava quase que uma Casa do índio para os Xavantes. Ali naquela casa de um quarteirão, em dezenas de pequenos quartos no quintal, em pleno centro da cidade, se hospedavam as lideranças representativas das principais aldeias, os pacientes doentes que necessitavam atendimento ambulatorial e outros que necessitavam resolver questões burocráticas, documentos etc.

Meu tio Sinval Cabral me levava nas aldeias para conhecer o *modus vivendi* de nossos parentes xavantes, me impressionava que desde aquela época, eles já mecanizavam as roças, usavam tratores e maquinário agrícola para o plantio de milho e outros grãos. Criavam muito gado. Administravam de forma racional os setores produtivos das aldeias, já contavam com contadores, agrônomos, professores e alguns profissionais de saúde. Já tinham na época camionetes e caminhões para escoar o excedente produtivo para a venda na cidade com o objetivo de pagar outras despesas. Três décadas depois quando cheguei a primeira vez em Roraima e visitei as terras indígenas dos imensos lavrados de Roraima, lembrava dos parentes xavantes agricultores. E sonhei com o Lavrado todo repleto de produção de grãos, arroz, milho, soja, trigo, outros, que garantiriam a segurança alimentar de milhões de amazônicas e para o mundo, protegendo a floresta em pé.

Contextualizando, percebo nas mídias regional, nacional e internacional uma preocupação de grupos de pressão em potencializar fatos que gerem notícias negativas como destruição ambiental, e ignorar e não incentivar projetos de recuperação de áreas degradadas pela agricultura familiar tecnificada e sustentável e projetos de recuperação de áreas de mineração, bem como a utilização de métodos limpos para a atividade garimpeira, denominada “ouro limpo”.

Filho de mãe judaico-cristã e criado na selva de pedra e capital da fumaça, São Paulo, me impressionava com os cabelos longos sempre negros, o porte atlético, a beleza das mulheres e das crianças, a riqueza do folclore e o colorido das vestimentas e da artesanaria como fonte de renda tradicional, os arcos e flechas potentes coloridos com penas de várias cores, colares de vários desejos, objetos representativos, que nunca abandonaram minhas memórias e inspiram meus sonhos de criança de ser médico piloto missionário na Amazônia Brasileira, no meu imaginário, berçário de todos os aborígenes brasileiros e onde a natureza não teria limites, risco de extinção, se perpetuaria como casa eterna dos povos originários da qual me considero parte.

Mas a realidade não é nada poética. A Amazônia, e nela Roraima, é um caldeirão de conflitos. Conflitos de interesses, de direitos coletivos que se entrelaçam e se contradizem ao mesmo tempo.

Entendo Davi Kopenawa, líder e tradutor maior dos Yanomami, em *A Queda do Céu* (KOPENAWA, 2019), quando em relato poético e com sua sabedoria

xamanista autóctone, desenha a infinita e estreita relação entre o homem Yanomami e a floresta, uma relação indivisível e espiritual. Segundo ele, para os espíritos da floresta, a destruição de qualquer centímetro de barranco e de folha pelo garimpo ilegal, é o mesmo que ferir e fazer jorrar sangue do espírito de vida coletiva Yanomami.

O desrespeito às suas territorialidades e à cultura de simbiose com a mãe natureza, seus “Shabires” (espíritos moradores das florestas) e Pai divino Omã, configuram um crime universal, que transpõe a legislação dos “civilizados”. Ele, Davi, me intitula “Shapire”, um espírito médico da floresta que Omã (Deus dos Yanomami) enviou para cuidar do povo Yanomami. Fui um dos médicos que diagnosticou e tratou o câncer cerebral de Fátima, mulher do Davi

Entendo também quando Davi e outra dezena de lideranças Yanomami, alertados sobre as graves consequências da desnutrição para o desenvolvimento físico e mental das crianças, colocando em fragilidade toda uma nova geração que garante a sobrevivência da etnia, outrora em risco de extinção, solicita ajuda da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa, SEPLAN-RR, e outros consultores independentes para construir o Projeto Sabedoria Koiory no sentido de produzir na região do Ajarani (Iracema-RR), proteína animal (peixe e pequenos animais) e vegetal (milho) para fornecer às comunidades da TI Yanomami, cujo excedente comercializado serviria de fonte de renda para custeio e financiamento de outras despesas e projetos de desenvolvimento etno sustentável para o povo Yanomami.

Somente os sessenta mil hectares de pastos das antigas fazendas dos desintrusados Timbó e Paludo na Região do Ajarani são capazes de alimentar 300 mil rezes de gado a cada quatro anos, o que seria mais que suficiente para prover toda a deficiência de proteína de todos os índios Yanomami desnutridos, isso sem derrubar uma nova árvore. Há alternativas produtivas como o peixe em cativeiro natural em lagos aproveitando os próprios acidentes de relevo da região. Criação de pequenos animais e a extração etnosustentável da floresta como industrialização da castanha e do açaí, do aproveitamento das essências para a indústria cosmética e farmacêutica, complementariam a construção de um modelo de autossustentabilidade econômica e promoveriam o protagonismo indígena e a

defesa do território dos povos originários com sua inserção no processo produtivo e cumprindo um papel social além do direito de minoria.

O protagonismo indígena Yanomami pela riqueza produtiva e recebimento de royalties por atividade mineral regulamentada, pela independência assistencialista que isso traria, os libertaria de todos os jugos oportunistas que exploram suas imagens, seus sonhos, sua essência espiritual.

Inconcebível, incoerente e irracional são os índices de saúde e desnutrição protéica tão sofríveis entre os Yanomami quando eles vivem em cima de uma mina de recursos naturais, seja de exploração sustentável de resinas, sementes, frutas, minerais e água.

4.3 O GARIMPO

Tudo que utilizamos no nosso dia a dia contém ouro, desde as joias como anéis, pulseiras e gargantilhas, computadores e celulares, e o comércio final desconhece a origem do mineral que comercializa, seus verdadeiros custos ambientais, sociais e de saúde e a relação desses fatores com lavagem de capitais e com financiamento de narcotráfico, narco guerrilhas e movimentos terroristas.

O governo federal, por sua vez, através de normas publicadas nos últimos anos, acaba por enfraquecer a legislação.

Entre março e maio de 2020, foram publicadas 195 normas relacionadas ao meio ambiente, no Diário Oficial — em 2019, no mesmo período, foram 16. De acordo com a análise, o objetivo de parte das medidas infralegais foi o de mudar o entendimento da legislação. [...] De acordo com alertas do sistema Deter, do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), 72% de todo o garimpo realizado na Amazônia, entre janeiro e abril de 2020, ocorreu dentro de áreas protegidas. Só as Terras Indígenas Munduruku e Sai Cinza, no Pará, totalizam 60% dos alertas de desmatamento para garimpo em áreas do tipo na Amazônia. Ainda de acordo com o Inpe, o desmatamento na região cresceu 34% de agosto de 2019 a julho de 2020, em comparação com o mesmo período do ano anterior. Em junho, o bioma atingiu a marca de 14 meses seguidos de aumento de destruição, também em relação ao mesmo período do ano anterior (CONNECTAS, 2020, n.p.).

Por isso, a manutenção da anarquia da desregulamentação da atividade garimpeira interessa a dezenas de atores que lucram muito mais com a ilegalidade,

menos para os próprios índios, população originária, e por tabela outras populações vulneráveis tais como os ribeirinhos que consomem e dependem dos peixes dos rios contaminados pelo mercúrio do garimpo usado na mineração sem regulamentação, técnica rudimentar e já substituída por tecnologias tais como a filtragem com nanotecnologia e a separação gravitacional, adotada pelas grandes mineradoras como recurso tecnológico sustentável.

O ouro aluvial está solto, é ouro em pó, ouro em partículas. Sendo assim, a gravidade pode separar facilmente o ouro dos sedimentos sem a necessidade do mercúrio. A própria miséria e dependência assistencialista à qual são submetidos os Yanomami facilita a manutenção da atividade garimpeira nessas terras indígenas, haja vista que as lideranças indígenas cooptadas aceitam o recebimento de pedágios e outros tipos de presentes e vantagens pecuniárias para permitir a entrada e permanência dos garimpeiros em regiões bem próximas às sedes de suas comunidades.

A falta de regulamentação também afeta o mercado do ouro gerando mais clandestinidade, com empresas de mineração de outros estados fornecendo origem ao ouro que é extraído ilegalmente nas terras indígenas. O comércio seletivo orientaria a oferta. Na contramão, age o governo federal com medidas e decretos que, aparentemente, buscam incentivar um garimpo sem consequências para o meio ambiente e as pessoas, como “mineração artesanal”:

Mineração artesanal, segundo o decreto, é a atividade regida pela lei 7.805, de 1989. Essa lei, que criou o regime de permissão de lavra garimpeira, não fala em mineração artesanal. Mas estabelece que, para receber a permissão, a área explorada não pode exceder 50 hectares, "salvo quando outorgada a cooperativa de garimpeiros". Na nota, o ministério afirma que o garimpo é "reconhecido mundialmente pelo termo 'Mineração Artesanal e em Pequena Escala', nesse sentido, o programa se destina às atividades de extração de substâncias minerais garimpáveis, desenvolvidas na forma da Lei nº 7.805, de 18 de julho de 1989" (G1, 2022b, n.p.).

De acordo com o decreto, o objetivo é:

- integrar e fortalecer as políticas setoriais, sociais, econômicas e ambientais para o desenvolvimento da atividade da

mineração artesanal e em pequena escala no território nacional;

- estimular as melhores práticas, a formalização da atividade e a promoção da saúde, da assistência e da dignidade das pessoas envolvidas com a mineração artesanal e em pequena escala; e
- promover a sinergia entre as partes interessadas e envolvidas na cadeia produtiva do bem mineral (G1, 2022b, n.p.).

No entanto, ambientalistas destacam que se trata de “[...] reforçar toda a narrativa de licença política que é dada ao avanço que o garimpo ilegal teve na região” (G1, 2022b, n.p.).

Por conta disso, verifico que o mercado do ouro deve ser regulamentado e comercializado aqui na Amazônia, onde ocorrem os ilícitos e a contaminação dos rios pelo mercúrio e a derrubada das florestas, mas também entre os compradores, que estão nos países ricos desenvolvidos.

A manutenção da anarquia da desregulamentação da atividade garimpeira interessa a dezenas de atores que lucram muito mais com a ilegalidade, menos para os próprios indígenas, população originária, e por tabela outras populações vulneráveis tais como os ribeirinhos que consomem e dependem dos peixes dos rios contaminados pelo mercúrio do garimpo usado na mineração sem regulamentação (RAMOS; OLIVEIRA; RODRIGUES, 2020), técnica rudimentar e já substituída por tecnologias tais como a filtragem com nanotecnologia e a separação gravitacional, adotada pelas grandes mineradoras como recurso tecnológico sustentável. A própria miséria e dependência assistencialista às quais são submetidos os Yanomami, facilitam a manutenção da atividade garimpeira nessas terras indígenas, haja vista que as lideranças indígenas cooptadas aceitam o recebimento de pedágios e outros tipos de presentes e vantagens pecuniárias para permitir a entrada e permanência dos garimpeiros em regiões bem próximas às sedes de suas comunidades.

Ramos, Oliveira e Rodrigues (2020) fazem um relato objetivo, um alerta preocupante sobre a situação da contaminação crescente dos rios e da atmosfera amazônica pelo mercúrio, com conseqüente infestação dos peixes e das populações:

Nos solos da Amazônia ocorre a maior concentração de mercúrio natural do mundo. O desmatamento e mineração expõem o solo à erosão, carreando o mercúrio para o ambiente aquático, onde é metilado pelos microrganismos e ingressa na rede trófica. O metilmercúrio se acumula nos peixes, que são o maior veículo de transmissão do mercúrio orgânico para o ser humano. As populações tropicais residentes próximas às áreas de garimpo apresentam a maior ingestão semanal de mercúrio entre todas as populações vulneráveis do mundo. O peixe constitui a principal fonte de proteína das populações indígenas o que inspira a preocupação com os impactos nas populações nativas de países desenvolvidos e em desenvolvimento. O garimpo artesanal é responsável por 37% da emissão global antropogênica de mercúrio. As informações sobre a quantidade de mercúrio lançadas no ambiente amazônico são controversas, mas, estima-se que o metal é utilizado na escala de 1:1. Dados não oficiais calculam que na década de 80 foram produzidos entre 1000 a 2000 toneladas de ouro, podendo-se inferir que a mesma quantidade de mercúrio foi utilizada. A área do Rio Uraricoera localiza-se a noroeste do Estado de Roraima, na Amazônia brasileira, no interior da Terra Indígena Yanomami, demarcada pelo governo brasileiro no ano de 1992. (RAMOS; OLIVEIRA; RODRIGUES, 2020, p. 2).

O Brasil, desde 2017, integra a “Convenção de Minamata sobre Mercúrio” (BRASIL, 2018), que objetiva o controle do uso de mercúrio para proteção da saúde humana e do meio ambiente. Sem embargo, apesar de uma rica e condicionante legislação ambiental e de proteção aos direitos ambientais e de saúde coletivos, dos direitos dos povos indígenas, na prática a realidade é bem diferente. Seja pela manipulação dos barrancos que liberam o mercúrio sintrópico na natureza, seja pelo uso descontrolado do mercúrio para depurar o ouro, os Yanomami estão continuamente expostos aos efeitos do mercúrio há pelo menos três décadas (VEGA, 2018). Estudos atestam altos níveis de contaminação dos mananciais e consequentemente nas comunidades no Estado de Roraima (CASTRO; ALBERT; PFEIFFER, 1991; SING et al., 2003; VEGA, 2018), nem eu como infectologista, especialista em saúde indígena, tampouco quaisquer outros médicos, temos estimativa sobre os efeitos clínicos diretos à saúde dos habitantes de Roraima, seja entre as comunidades indígenas, seja entre os próprios garimpeiros que inalam um tanto dos 80 % do quantum que se gaseifica com o aumento da temperatura na depuração do ouro.

O trabalho de pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ, 2016), que trata do tema, alertou que os integrantes de comunidades da região da Uraricoera

absorveram alto nível de mercúrio no organismo, com 92,3 de contaminação. Da mesma forma, um levantamento da Polícia Federal sobre contaminação dos rios na Terra Indígena Yanomami, concluiu que os maiores quatro rios da região Yanomami (Couto de Magalhães, Catrimani, Parima e Uraricoera), que integram a bacia do Rio Branco e abastecem os sistemas de fornecimento urbano de água potável das cidades, têm alta contaminação por mercúrio: 8600% superior ao estipulado como máximo para águas de consumo humano. As amostras foram de águas correntes próximas a garimpos ilegais onde os invasores usam o mercúrio durante a extração de minérios.

O levantamento da Fiocruz (2016) apurou que entre 2018 e 2021, na região do rio Uraricoera, houve um aumento de 505% da área garimpada, com incremento de 46% de destruição da floresta em um ano.

A posição dos antropólogos e ambientalistas, e de parte do Ministério Público Federal (MPF) sobre a solução do problema que propõe a retirada de todos os garimpeiros da Terra Yanomami é idealista e impraticável. O Ministério Público Federal em Roraima acredita que não há nenhuma medida de saúde pública mais emergencial e importante para a garantia da saúde dos indígenas do que a retirada dos garimpeiros da área. É como retirar a água do mar e ela não voltar em seguida. Mas como acomodar 20 mil garimpeiros em atividades laborais econômicas na atual situação de crise econômica em Roraima causada pela imigração venezuelana e diante do estado ainda pandêmico na saúde? Como garantir segurança alimentar aos Yanomami que hoje dependem de ganhos monetários advindos da atividade garimpeira para garantir a sobrevivência com sistemas de atenção social e em saúde tão deficientes?

Por outro lado, os estudos demonstram a gravidade da contaminação pelo Mercúrio e a urgência de ações e estratégias que minimizem o problema sempre abordado pela grande mídia sem considerar a crise como um todo, considerando que todos os envolvidos são brasileiros em busca da sobrevivência.

O mercúrio é tão polêmico porque apesar de seus prejuízos à saúde, é o único metal líquido em temperatura ambiente que se funde artesanalmente ao ouro, compondo uma junta metálica (SANTOS; ALMEIDA, 2019). Essa liga é submetida a uma temperatura de cerca de 35°C, o mercúrio se evapora e o ouro se concentra em estado sólido. O que sobra de mercúrio líquido da operação não é aproveitado e

escoa para os mananciais e indiretamente integra a cadeia alimentar animal e humana, por meio de água, peixes e outros animais afetados de forma acumulativa e lenta.

Há duas vias de contaminação e controle de exames que aferem essa contaminação. Os métodos de diagnóstico também variam dependendo da forma que se dá: se o vapor do mercúrio inorgânico é inalado, será detectado na urina. Rins e sistema respiratório são os mais afetados. Se ingerido, partes de um vetor como os peixes ou demais alimentos impregnados com o metal orgânico biodisponibilizado, o metil mercúrio, este não pode ser depurado pelo organismo e excretado. E vai causando um dano cumulativo e progressivo, o elemento permanece no organismo de forma perene e danoso conforme análise feita do fio de cabelo.

A contaminação dos garimpeiros se dá pelas duas vias já que para fundir o ouro, este precisa ser separado de uma fórmula 1:1 ouro-mercúrio, 80 % do mercúrio que está sendo utilizado se evapora com temperaturas altas e parte desse gás é inalado pelo manipulador que geralmente não utiliza de EPIS efetivos em áreas isoladas de garimpo. A outra via ingerida através de alimentos e água contaminada cresce exponencialmente e é geograficamente proporcional à expansão das glebas de garimpagem próxima dos rios. Com a carestia da carne de gado e de outros alimentos industrializados no Brasil, a média nacional de consumo diário de peixe que é de 60 a 90 g diárias, tem aumentado de forma impressionante ao ponto que em regiões amazônicas, o consumo de pescados por habitante alcança a 406 g ao dia, uma das médias mais elevadas de consumo dessa carne no mundo. Análises de peixes recolhidos na região do Baixo Rio Branco a mais de 500 quilômetros da bacia do Uiraricuera, detectaram presença do metil mercúrio, afetando milhares de ribeirinhos da região que tem no peixe sua principal fonte de proteína (WATANABE, 2021).

O metil mercúrio, uma derivação do mercúrio inorgânico que contamina a cadeia alimentar de índios e ribeirinhos, agora também os moradores das grandes cidades, impregna o tecido dos peixes e passa a integrar nossos tecidos como consumidores dos rios da região. Nas gestantes, transpassa a placenta, as barreiras encefálicas, ataca o cérebro e afeta as funções básicas do sistema nervoso, altera os cromossomos, próximas gerações herdaram. Ao final, causa a doença de

Minamata, em referência à cidade japonesa acometida na década de 1950, por uma grave contaminação por metil mercúrio, causando dezenas de mortes e moradores sequelados com graves danos neurológicos por intoxicação com o metal (FERREIRA, 2007).

A intoxicação por mercúrio pode causar cerca de cento e sessenta sintomas. Entre esses, cefaleia persistente, insônia, irritação, alergias, câncer, pancreatite, anemias. Os efeitos neurológicos se traduzem em: baixo rendimento escolar, baixa capacidade de fixação, de compreensão de texto ou de matemática. Entre as consequências crônicas: retardo mental, paralisia cerebral, surdez, cegueira e disartria em indivíduos expostos ainda no útero materno; e danos sensoriais e motores graves em indivíduos expostos na idade adulta (HACON, 2009).

Muitos casos suspeitos foram identificados na Casa do Índio Yanomami de Boa Vista, mas as dificuldades de diagnóstico, limitação de pessoal e de recursos logísticos impediram uma investigação mais apurada e a confirmação diagnóstica. Recentemente, o importante laboratório da Casa do índio Yanomami de Roraima foi desativado pela coordenação do Distrito Indígena Yanomami alegando falta de recursos. Mais um desfalque à saúde indígena tão debilitada.

A orientação subliminar e implícita parece ser evitar o diagnóstico e o tratamento precoce encaminhando os casos de média e alta gravidade para a estrutura do nível estadual já combalido, pressionando a demanda e justificando a vinda de cada vez mais recursos federais para o estado, um “saco sem fundo” com o dinheiro do contribuinte. Nas emergências dos principais pronto atendimentos de Boa Vista e do interior do estado, adentram dezenas de casos com manifestações clínicas de etiologias indeterminadas que podem ser causadas pela contaminação por mercúrio.

Como um dos resultados da má gestão dos recursos públicos, o aumento da corrupção e da desigualdade social, maiores incentivadores do dano ambiental, da exploração não sustentável e muito contaminante da natureza e da simbiose idealista do ser humano com a floresta. Informações, realidades e análises sistêmicas que a grande mídia não alcança.

Segundo o IBGE, em matéria reproduzida pela *Folha de Boa Vista* em 19 de junho de 2022, “Roraima está classificado no ranking como o pior do país em

desigualdade social. O índice de Gini do rendimento domiciliar por pessoa – que é a medida de desigualdade usada na pesquisa – foi de 0,579 em Pernambuco, só menos ruim que o de Rio Grande do Norte, 0,587, e Roraima, 0,596” (FOLHA BV, 2019).

Mas essa triste realidade de má distribuição de renda que favorece e incentiva o crescimento do garimpo ilegal é uma realidade também mundial em países subdesenvolvidos e em desenvolvimento. Muitos dependem da atividade mineira para geração de renda, reproduzindo os modelos coloniais.

Não só de notícias ruins vive a temática da mineração não regulamentada em terras indígenas. Um programa de cinco anos para erradicação do uso do mercúrio na mineração, desenvolvido por organizações multilaterais ligadas à Organização das Nações Unidas (ONU) como o Fundo Mundial para o Meio Ambiente, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), ONU Meio Ambiente, Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (UNIDO), em conjunto com outros atores como Conservação Internacional alcança oito países: Burkina Faso, Colômbia, Guiana, Indonésia, Quênia, Mongólia, Filipinas e Peru. Podendo ser estendido ao Brasil.

O Programa Global de Oportunidades para o Desenvolvimento de Longo Prazo do Setor ASGM (GEF GOLD) de 180 milhões de dólares visa aprimorar a mineração artesanal e de pequena escala (ASGM, na sigla em inglês) tornando-a sustentável. “Ação urgente é necessária para proteger milhões de homens, mulheres e crianças expostos a níveis tóxicos de mercúrio na produção de ouro todos os anos no mundo”, explica Gustavo Fonseca, diretor de programas do Fundo Mundial para o Meio Ambiente (GEF). (BMS, 2019). A Figura 17 expõe, mais uma vez, a exposição ao mercúrio e as suas consequências.

Figura 17 – Os efeitos do mercúrio



Fonte: Autobiografismo – Apêndice 3

O programa espera substituir o mercúrio pelo uso de tecnologias seguras, facilitando a regulamentação do pequeno garimpo e formalização do trabalho para uma condição digna e produção mineral sustentável.

O GEF GOLD também prevê um controle maior na comercialização do ouro com certificação de origem obrigatória e exigência do cumprimento das exigências de exploração de forma ética e sustentável para a compra e venda.

O programa pretende também reduzir as emissões em 369 toneladas, apoiando o compromisso dos países sob a Convenção de Minamata sobre Mercúrio, assim como reduzir o uso de mercúrio e,

quando possível, eliminá-lo do setor de mineração artesanal (BMS, 2019, n.p.).

Diante da crescente demanda por trabalho e por fontes de sobrevivência para uma população cada vez maior incrementada pela imigração e debilitada pela inflação e carestia causadas pelos efeitos da Pandemia da Covid 19 e da Guerra da Ucrânia, a instantaneidade do ganho facilmente conseguido pela garimpagem e a fragilidade do sistema estatal de controle pressionam a regulamentação da atividade sem mercúrio, a recuperação de áreas degradadas e o controle da compra e venda com o recolhimento dos impostos devidos é a única saída a curto prazo para a iminente epidemia de contaminação pela extração ilegal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: BIOGRAFISMO ENTRELACADOS

O *advocacy journalism* ambiental envolve conhecimento da causa, precisão jornalística e ética ecológica (FROME, 1998, p. IX). Trata-se de jornalismo praticado por profissional, baseando-se em fatos, deixando clara sua perspectiva política e social. Já por meio do método do biografismo, se espera compreender a mentalidade cosmopolita pautada em uma consciência ecológica global contra uma crise universal do planeta, ou pensada prioritariamente e regionalmente com características da educação e da comunicação do futuro. O jornalismo ambiental se mostra como fundamental para evidenciar, denunciar, refletir sobre os rumos do meio ambiente em Roraima, no Brasil e no mundo.

A pesquisa, no entanto, traz o autobiografismo do pesquisador, com elementos do *advocacy journalism* e do biografismo no contexto do jornalismo ambiental. O autobiografismo deste pesquisador, enquanto jornalista e atuante no meio indígena e de garimpo ilegal, revela as características do que se pode chamar de autobiografismo jornalístico. Conforme o relato no Apêndice 3, o estilo é de

O autobiografismo deste pesquisador, enquanto jornalista e atuante no meio indígena e de garimpo ilegal, revela as características do que se pode chamar de autobiografismo jornalístico. Não traz consigo o biografismo acadêmico, mas com estilo próximo ao da crônica, uma vez que trata dos tempos próximos, conforme pondera Galvão (2005, p. 359).

Também o autobiografismo foi possível pela proximidade do *know-how* da matéria-prima utilizada na coleta biográfica por causa da função de médico no contexto do garimpo ilegal. No autobiografismo jornalístico, a autobiografia de si é importante enquanto revela a participação no contexto descrito. Porém, quando se dá com o objetivo jornalístico, o protagonismo é da matéria e do contexto. Assim, no autobiografismo jornalístico, aquele que escreve a biografia tem a sua relevância enquanto testemunha, observador e/ou participante. Mas a realidade vivida deve se sobrepor.

O autobiografismo confere corrobora as matérias da *Folha de Boa Vista*. Os índices de doenças infecto-contagiosas como tuberculose e hepatites virais entre os Yanomami vêm aumentando exponencialmente pela inexistência de um sistema de assistência à saúde indígena na atenção de média complexidade (GODOY,

SANTANA, OLIVEIRA, 2021). Nos próprios ambientes hospitalares superlotados disponibilizados pelo Sistema Único de Saúde – SUS – administrados por prefeituras e estado, não há enfermarias próprias para os índios que normalmente já chegam desnutridos e com a imunidade baixa facilitando a contaminação por outros pacientes já contaminados facilitando a propagação dessas doenças de fácil contágio. A triagem insuficiente na fronteira em relação à malária falciparum, comum na Venezuela, permite que refugiados adentrem no nosso país, doentes e sirvam de vetores para a propagação da variedade grave da doença entre os brasileiros, entre eles, os Yanomami sujeitos ao ambiente natural do mosquito e a epidemia permanente de casos.

Entre as deficiências de saúde mais importantes e graves que acometem os Yanomami, além da contaminação do garimpo, é a deficiência de proteínas que produz doenças nutricionais tais como o marasmo e o koshiokor. As mais afetadas, de forma generalizada, ainda que não habitem regiões de garimpo ilegal, as crianças Yanomami desnutridas têm mais chance de morrer pela falta de alimentos, bem como por quadros agudos de malária, diarreia, pneumonia e tuberculose, e até por Covid 19, na maioria das vezes transmitida por agentes de saúde ou lideranças ou outros indígenas em tratamento de outras doenças provenientes da cidade sem o devido controle, triagem e tratamentos adequados, contágio facilitado pelas características culturais de moradia e alimentação coletivos.

Nas visitas que realizei em território Yanomami, vi de tudo. Desde comunidades exemplarmente organizadas como o Novo Demini na fronteira de Roraima com o Amazonas, terra do líder Davi Kopenawa Yanomami, e a Comunidade Olomay, sede do povo Sanumá. E também conheci de perto as contradições da Região do Ajarani, onde os xirixanas da Associação Texori mantêm altos índices de constituição proteica por criarem gado.

No entanto, os Yanomami nômades que habitam secularmente a região e que não desenvolvem atividades produtivas se encontram em sua maioria adictos do alcoolismo e pela proximidade e acesso terrestre (via Perimetral Norte) aos centros urbanos de Mucajai, Iracema e Caracarai, acabam gerando mais um problema social grave e difícil resolução, que é a migração para o centro dessas cidades, aonde usualmente se concentram em bandos pedindo esmolas embriagados, com filhos passando fome e com constantes incidentes de violência entre eles próprios.

Na região do Uaris, terra dos Yekuanas, constatei a importância da integração desse povo de origem caribenha, mas reconhecidos também como Yanomami pela ancestralidade da convivência como povos irmãos, com o batalhão de fronteira do exército, oportunidade de emprego para os jovens brasileiros yekuanas, e como forma de desenvolvimento social após a chegada da energia elétrica trazida pelos militares e que os próprios indígenas ajudaram a prover, construindo a linha de transmissão da usina de um rio próximo até a região da aldeia. Foi uma revolução cultural positiva com a adoção de eletrodomésticos pelas famílias indígenas e no sentido da melhoria da saúde coletiva, podendo ser armazenados e refrigerados vacinas e outros medicamentos utilizados no combate às doenças que afetam os índios.

Na porção do território Yanomami que engloba o estado do Amazonas, sendo o maior polo e concentração de população indígena em São Gabriel da Cachoeira, a atividade garimpeira é comum entre as lideranças que em tratamento de saúde ou em visita a Boa Vista para as reuniões do Controle Social do Distrito de Saúde Indígena Yanomami, trazem o minério em pó ou sólido para revenda.

Entre as subetnias que mais têm relação com o garimpo estão os Xirianas, que habitam a região da bacia do Rio Uiraricuera. Os Sanumás, apesar da pouca atividade no momento, têm em suas principais lideranças o consenso para que a regulamentação da mineração ocorra de forma rápida e ordenada, priorizando os interesses econômicos e de sustentabilidade dos povos indígenas que habitam a TI Yanomami.

Não há, entretanto, uma decisão majoritária entre as lideranças indígenas Yanomami sobre apoiar ou não a regulamentação da mineração. A HUTUKARA, Organização Yanomami, associação mais representativa desse povo e tutelada por ONGs de influências estrangeiras, é radicalmente contra a atividade, mas não representa a totalidade das lideranças locais, cuja maioria pode se pronunciar contra, mas se não exerce a atividade, se beneficia de alguma forma, seja pela participação na produção, cobrança de pedágios, entre outros benefícios.

Apesar de serem lógicos e constatados pelos profissionais de saúde, os malefícios da contaminação pelo Mercúrio entre as populações afetadas, não há estudos científicos que classifiquem qualitativamente e quantitativamente a quantidade de doentes e sequelados pelo uso do mercúrio. Mas a “olho nu” se

percebe para pior a mudança da coloração dos rios afetados pela atividade mineral, inclusive do principal manancial Rio Branco, de onde se serve de água potável os principais centros populacionais de Roraima, como a capital Boa Vista que já alcança seus 400 mil habitantes, em potencial afetados pela contaminação dos rios que conformam a bacia do Rio Branco.

A diminuição da oferta de pesca, como reclamam os pescadores artesanais, é um sinal de que algo ruim esteja passando com a nossa natureza, a água como fonte de vida para todos os amazônidas e os habitantes da terra, já que essas águas vão alcançar a foz do Rio Amazonas.

Conclui-se que pela quantidade de operações policiais mobilizando tantos atores, a Polícia Federal, Exército, órgãos ambientais como Instituto Brasileiro do Meio Ambiente, e outros apoiadores, no combate aos ilícitos ambientais, em especial à mineração ilegal, que o modelo repressivo é falho e permite a reincidência. A retirada dos garimpeiros em risco social é caríssima e inócua. Tantas vezes que forem retirados irão voltar.

Conclui-se, também, que as reportagens e matérias publicadas sobre a temática do garimpo ilegal em terras indígenas e a contaminação dos rios da região pelo uso do mercúrio tóxico na *Folha de Boa Vista* cumprem um papel de *advocacy* e dos objetivos sociais do jornalismo ambiental, embora faltem espaços para temas relacionados às soluções tecnológicas, econômicas e sociais para a crise do garimpo ilegal em terras indígenas.

Trata-se de assunto que não pode ser manejado sob a égide de somente um ator interessado, mas sobre o prisma de que todos os brasileiros, em prioridade os povos originários, precisam e têm direito a uma vida digna e sustentavelmente inteligente, como preza o direito coletivo, seja na saúde, no meio ambiente preservado e na dignidade humana.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Simão Farias. **Livro-reportagem**: um gênero de polêmica. Boa Vista: Editora UFRR, 2008.

ALMEIDA, Simão Farias. **Jornalismo ambiental em formato livro**: alegorias e subjetividades. João Pessoa: Ideia, 2014.

ALMEIDA, Simão Farias. Cidadania de seres não humanos e ecossistemas: pressupostos para proposta em educomunicação e jornalismo ambiental. **III Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental**. São Paulo, 20 de outubro de 2015. Disponível em: <www.enpja.com.br>. Acesso em: 12 fev. 2016.

ALMEIDA, Simão Farias. O escândalo do petróleo e as energias limpas: jornalismo investigativo e ativismo ambiental em livro-reportagem americano. **Revista Razón y Palabra**. Ano 20, n. 91, set.-nov. 2015, p.1-21. Disponível em: <www.razonypalabra.org.mx>. Acesso em: 16 set. 2015.

ALMEIDA, Simão Farias. Cidadania planetária, intimismo e biocentrismo na (auto-) biografia de Sebastião Salgado. In: **III Congresso Internacional de Literatura e Ecocrítica - Diálogos ecocêntricos: arte, cultura e justiça**, 2017, João Pessoa. **Anais do III Congresso Internacional de Literatura e Ecocrítica - Diálogos ecocêntricos: arte, cultura e justiça**, 2017a. v. 1. p. 341-354.

ALMEIDA, Simão Farias. **Ecocrítica da cartografia metafórico-interpretativa na não ficção de mudanças climáticas, clima e danos ambientais**. João Pessoa: Ideia, 2017b.

ALMEIDA, Simão Farias. A cobertura de cidades devastadas em testemunhos paralisantes e interpretativos de correspondentes internacionais no projeto Memória Globo. **Tríade: comunicação, cultura e mídia**. V. 7, n.14, mai. 2019, p. 31-51.

ALSINA, Miquel. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

AMAZÔNIAREAL. Guerra ao garimpo ilegal. **Amazônia Real**, 2022. Disponível em: <<https://amazoniareal.com.br/guerra-ao-garimpo-ilegal/>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

BAHIA, Juarez. **História e técnica: as técnicas do jornalismo**. São Paulo: Ática, 1990.

BARBOSA, Pedro. **Garimpo no rio Mucajaí prejudica pesca e saúde da população**. Boa Vista, 05 de janeiro de 2019. Disponível em: <<https://folhabv.com.br/noticia/Garimpo-no-rio-Mucajai-prejudica-pesca-e-saude-da-populacao/48310>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

BELMONTE, Roberto Villar. História do jornalismo ambiental brasileiro. **Anais do Encontro Nacional de História da Mídia**, Porto Alegre, 2015.

BELTRÃO, L. **Jornalismo Interpretativo: filosofia e técnica**. Porto Alegre: Sulina, 1976.

BENETTI, Marcia. O jornalismo como gênero discursivo. **Galáxia**, n. 15, p. 13-28, 2008.

BMS. **ONU lança programa de combate aos efeitos da mineração de pequena escala**. BMS, 27 de fevereiro de 2019. Disponível em: <<https://brasilminingsite.com.br/onu-lanca-programa-de-combate-aos-efeitos-da-mineracao-de-pequena-escala/>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

BOAS, Sergio Vilas. **Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida**. São Paulo: UNESP, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRASIL. **Decreto nº 9.470**, de 14 de agosto de 2018. Promulga a Convenção de Minamata sobre Mercúrio. Diário Oficial da União, Brasília, 15 ago. 2018.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007a.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo: Mojoara Editorial, 2005.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo ambiental: explorando além do conceito. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; SCHWAAB, Reges Toni (Orgs). **Jornalismo Ambiental: desafios e reflexão**. Porto Alegre: Ed. Dom Quixote, 2008. p. 105-118.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo ambiental: explorando além do conceito. **Desenvolvimento e meio ambiente**, UFPR, n.15, p. 33-44, jan/jun 2007b.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo ambiental: navegando por um conceito e por uma prática**. S/d. Disponível em: <<http://jornalismoambiental.org.br/1148/jornalismo-ambiental-navegando-por-um-conceito-e-por-uma-pratica.html>>. Acesso em: 01 jun. 2022.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. Fotografia e Jornalismo: da prata ao pixel—discussões sobre o real. **Líbero**, n. 20, p. 103-111, 2016.

BULHÕES, Juliana; SOBRAL, Gustavo. O uso de biografias e autobiografias de jornalistas na construção da história do jornalismo brasileiro. **Temática**, João Pessoa, v. 12, n. 09, p. 206-221, 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/30682>>. Acesso em: 5 jul. 2022.

BURGH, H. de. **Jornalismo investigativo: contexto e prática**. São Paulo: Roca, 2008.

CAMPOS, Ana Cecília Oliveira. Memória de elefante: a biografia do Santuário de Elefantes Brasil e as memórias de pessoas não humanas. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 28, 2021.

CANABARRO, Lúcio Kerber et al. Entre proa e popa: a biografia de um clube. **Anais de resumos do Salão de iniciação Científica**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

CARVALHO, Gabriela Mendonça. Análise comparativa das políticas públicas de acolhimento desenvolvidas pelo Brasil e a Colômbia no caso dos refugiados venezuelanos. **Direito-Tubarão**, 2019.

CASTRO, M.B.; ALBERT, B.; PFEIFFER, W.C. Mercury levels in Yanomami Indians hair from Roraima-Brazil. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON HEAVY METALS IN THE ENVIRONMENT, Edinburg. **Heavy Metals in the Environment: international conference**. Edinburg: CEP Consultants, 1991. p. 367–370.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Paradigmas do jornalismo**: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. São Paulo: Summus, 1999.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar**: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro. Santarém: Jortejo, 1998.

CHESNEAUX, Jean. **Modernidade-Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CONNECTAS. Garimpo em terras indígenas: as ameaças do avanço desenfreado. **Conectas Direitos Humanos**, 30 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.conectas.org/noticias/garimpo-em-terras-indigenas-2/?gclid=Cj0KCQjw_vjWBhD8ARIsAH1mCd6GOXEcn-ptwTI3NEsw7wWH3KDCYRIFGpJ2YK2XstqVTy-FU9RRZt0aAlyNEALw_wcB>. Acesso em: 19 jul. 2022.

COSTA, Lailton Alves da. Jornalismo brasileiro: a teoria e a prática dos gêneros jornalísticos nos cinco maiores jornais do Brasil. Trabalho apresentado no Colóquio Internacional sobre a Escola LatinoAmericana de Comunicação (**Celacom**), 2007. Disponível em: Acesso em: 20 jul. 2022.

DOMENICI, Thiago. A 12 km”: indígenas Yanomami isolados nunca viram o garimpo tão próximo. **Publica**, Agência de Jornalismo investigativo, 2021. Disponível em: <<https://apublica.org/2021/09/indigenas-yanomami-isolados-nunca-viram-o-garimpo-tao-proximo/>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

DOMINGOS, José Contreras. Relatos de experiencia, en busca de un saber pedagógico. **Revista brasileira de pesquisa (auto) biográfica**, v. 1, n. 1, p. 14-30, 2016.

EL PAÍS. Invasão de centenas de garimpeiros na Amazônia expõe tolerância do Brasil com crime ambiental. **El País**, 25 de novembro de 2021. Disponível em:

<<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-11-25/invasao-de-centenas-de-balsas-de-garimpo-ilegal-na-amazonia-expoe-tolerancia-do-brasil-com-crime-ambiental.html>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação do jornalismo**. São Paulo: Ática, 1991.

ESTRELA, Carlos. **Metodologia científica: ciência, ensino, pesquisa**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2018.

FERREIRA, Bruno Torquato Silva. Soldados da Pátria: a biografia de uma instituição. **Anos 90**, v. 17, n. 32, p. 327-333, 2010.

FERREIRA, Sílvia. Uma visão integrada e global da ciência no currículo de ciências: estratégia de discussão sobre um problema ambiental. **Revista de Educação**, v. 15, n. 2, p. 97-124, 2007.

FIOCRUZ. Fundação Oswaldo Cruz. **Avaliação da exposição ambiental ao mercúrio proveniente da atividade garimpeira de ouro na terra indígena Yanomami, Roraima, Amazônia, Brasil**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2016. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/sites/blog.socioambiental.org/files/diagnostico_contaminacao_mercurio_terra_indigena_yanomami.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2022.

FOLHA BV. Exploradores de ouro são ameaça. Folha de Boa Vista, 06 de outubro de 2019. Disponível em: <<https://folhabv.com.br/noticia/ECONOMIA/Economia/Exploradores-de-ouro-sao-ameaca-na-maior-terra-indigena-do-Brasil/58124>>. Acesso em: 24 jul. 2022.

FOLHA BV. Garimpo ilegal faturava R\$ 8 milhões por semana, estima Exército. Folha de Boa Vista, 17 de julho de 2017. Disponível em: <<https://folhabv.com.br/noticia/Garimpo-ilegal-faturava-R--8-milhoes-por-semana--estima-Exercito/30279>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

FOLHA BV. Garimpo ilegal prejudica pesca. **Folha de Boa Vista**, Boa Vista, 12 de fevereiro de 2018. Disponível em: <<https://folhabv.com.br/noticia/Garimpo-ilegal-prejudica-pesca/36790>>. Acesso em 29 abr. 2019.

FOLHA BV. Mercúrio põe em risco turistas e moradores. **Folha de Bia Vista**, Boa Vista, 25 de janeiro de 2019. Disponível em: <<https://folhabv.com.br/noticia/Mercurio-poe-em-risco-moradores-e-turistas/49074>>. Acesso em: 28 abr. 2019.

FOLHA BV. Professor da UFRR faz alerta para risco de contaminação por mercúrio. Folha de Boa Vista, 26 de maio de 2026. Disponível em: <<https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Professor-da-UFRR-faz-alerta-para-risco-de-contaminacao-por-mercurio-/16755>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

FOLHA BV. Roraima está classificado no ranking como o pior do país em desigualdade social. Folha de Boa Vista, 19 de junho de 2022. Disponível em: <<https://folhabv.com.br/noticia/ECONOMIA/Economia/Roraima-e-o-pior-Estado-em-desigualdade-de-renda--diz-o-IBGE/87812>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

FOLHA BV. Terra Yanomami é destaque em estudo sobre o crime organizado na Amazônia. Folha de Boa Vista, Boa Vista, 20 de julho de 2022. Disponível em: <<https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Terra-Yanomami-e-destaque-em-estudo-sobre-o-crime-organizado-da-Amazonia/88714>>. Acesso em: 24 jul. 2022.

FOLHA BV. Yanomami denunciam ao MPF. Folha de Boa Vista, Boa Vista, 18 de maio de 2019. Disponível em: <<https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Yanomami-denunciam-ao-MPF-retorno-do-garimpo/53447>>. Acesso em: 28 abr. 2019.

FROME, Michael. **Green ink: uma introdução ao jornalismo ambiental**. Curitiba: UFPR, 2008.

G1. As lideranças ligadas ao garimpo na Amazônia que vão tentar vaga no Congresso na eleição de outubro. **G1**, 30 de maio de 2022a. Disponível em: <<https://g1.globo.com/meio-ambiente/amazonia/noticia/2022/05/30/as-liderancas-ligadas-ao-garimpo-na-amazonia-que-va-o-tentar-vaga-no-congresso-na-eleicao-de-outubro.ghml>>. Acesso em 18 jul. 2022.

G1. Decreto cria 'mineração artesanal' na Amazônia; para ONGs, governo quer incentivar garimpo ilegal. **G1**, 14 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/02/14/governo-lanca-programa-para-estimular-mineracao-artesanal-na-amazonia-legal.ghml>. Acesso em 18 jul. 2022.

GADINI, Sérgio; ADAM, Felipe. A biografia como fonte histórica para o jornalismo brasileiro. **III SIMPÓSIO INTERNACIONAL COMUNICAÇÃO E CULTURA: aproximações com memória e história oral**, p. 175-193, 2019.

GALVÃO, Walnice Nogueira. A voga do biografismo nativo. **Estudos Avançados**, v. 19, p. 349-366, 2005.

GARRIDO, Bibiana. Garimpo na Amazônia: “O coração da floresta e suas veias são impactados”. *Ipam Amazônia*, 26 de novembro de 2021. Disponível em: <<https://ipam.org.br/garimpo-na-amazonia-o-coracao-da-floresta-e-suas-veias-impactados/>>. Acesso em 19 jul. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIRARDI, Ilza. *Jornalismo ambiental e a paz na natureza*. Agência da Boa Notícia, Fortaleza, 25 de maio de 2011. Disponível em:

<<http://www.boanoticia.org.br/jornalismo-ambiental-e-a-paz-na-natureza-ilza-maria-tourinho-girardi/>>. Acesso em: 01 jan. 2019.

GIRARDI, Ilza. Jornalismo ambiental e a paz na natureza. Agência da Boa Notícia, Fortaleza, 25 de maio de 2011. Disponível em: <<http://www.boanoticia.org.br/jornalismo-ambiental-e-a-paz-na-natureza-ilza-maria-tourinho-girardi/>>. Acesso em 01 jun. 2022.

GODOY, Miguel Gualano de; SANTANA, Carolina Ribeiro; OLIVEIRA, Lucas Cravo de. STF, povos indígenas e Sala de Situação: diálogo ilusório. **Revista Direito e Práxis**, v. 12, p. 2174-2205, 2021.

GOLDBERG, Luciane Germano. **Autobiografismo**: desenho infantil e biografização com crianças em situação de acolhimento institucional. 2016. 346f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2016.

GOMES, Angela Maria de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Editora FGV, 2004.

GONÇALVES, Karen dos Santos et al. Indicador de vulnerabilidade socioambiental na Amazônia Ocidental. O caso do município de Porto Velho, Rondônia, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, p. 3809-3818, 2014.

GOULART RIBEIRO, Ana Paula; BERTOL, Rachel. Memórias em disputa na cobertura do caso Snowden/a reinvenção da autoridade jornalística na era digital. **Contracampo**, v. 35, n. 3, 2016.

HACON, S. et al. Um panorama dos estudos sobre contaminação por mercúrio na Amazônia Legal no período de 1990 a 2005-avanços e lacunas. **Geochimica Brasiliensis**, v. 23, n. 1, 2009.

INSTITUTO IGARAPÉ. Territórios e caminhos do crime ambiental na Amazônia Brasileira: da floresta às demais cidades do país. Instituto Igarapé, 20 de julho de 2022. Disponível em: <<https://igarape.org.br/territorios-e-caminhos-do-crime-ambiental-na-amazonia-brasileira-da-floresta-as-demais-cidades-do-pais/>>. Acesso em 24 jul. 2022.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Garimpo ilegal avança sobre áreas protegidas, contamina ambiente e interrompe vidas na Amazônia, 9 de abril de 2021. Disponível em: <<https://www.socioambiental.org/pt-br/blog/blog-do-monitoramento/garimpo-ilegal-avanca-sobre-areas-protegidas-contamina-ambiente-e-interrompe-vidas-na-amazonia>>. Acesso em: 15 abr. 2021.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. Editora Companhia das Letras, 2019.

LEAL, Erotildes Maria; SERPA JUNIOR, Octavio Domont de. Acesso à experiência em primeira pessoa na pesquisa em Saúde Mental. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, p. 2939-2948, 2013.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2002.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis: Vozes, 2001.

LINDER, Larissa. Garimpo ilegal explode em território Yanomami e ameaça indígenas. Portal G1, 25 de março de 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/natureza/noticia/2021/03/25/garimpo-ilegal-explode-em-territorio-ianomami-e-ameaca-indigenas.ghtml>>. Acesso em: 15 abr. 2021.

LOPES, Minervaldo. “Rio Mucajaí está morrendo”, denuncia morador. Folha de Boa Vista, Boa Vista, 11 de abril de 2019. Disponível em: <<https://folhabv.com.br/noticia/-Rio-Mucajai-esta-morrendo---denuncia-morador/52129>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

MACEDO, João Paulo; DIMENSTEIN, Magda. Escrita acadêmica e escrita de si: experienciando desvios. **Mental**, v. 7, n. 12, p. 153-166, 2009.

MANZINI, José Eduardo. Entrevista semiestruturada: análise de objetivos e de roteiros. **Anais do Seminário Internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos**, 2, Bauru, 2004.

MAURANO, Luis Eduardo P.; ESCADA, Maria Isabel Sobral. Comparação dos dados produzidos pelo PRODES versus dados do MapBiomas para o bioma Amazônia. **Anais do Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto**, v. 19, p. 735-738, 2019.

MEIHY, José Carlos Sebe B. Definindo História Oral e Memória. **Cadernos CERU**, n. 5, Série 2, 1994.

MEIHY, José Carlos Sebe B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

MELO, José Marques de (Org.). **Mídia, Ecologia e Sociedade**. São Paulo: Intercom, 2008.

MELO, José Marques. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MILARÉ, Édis. **Direito do Ambiente**. 2. ed. rev., ampl. e atualiz. São Paulo: RT, 2001.

MOUILLAUD, Maurice. O sistema das citações. In: PORTO, Sérgio Dayrel. (org.). **O jornal**: da forma ao sentido. Brasília: Editora UnB, 2002. p. 117-144.

PEÑARANDA, Raul. **Géneros periodísticos**: que son y para que sirven? 2000. Disponível em: <www.saladeprensa.org/art180.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.

PERUZZO, Cecília M. Krohling. **Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania**. In: OLIVEIRA, Maria José da Costa (org). **Comunicação Pública**. Campinas: Alínea, 2004.

RAMOS, Alan Robson Alexandrino; OLIVEIRA, Keyty Almeida de; RODRIGUES, Francilene dos Santos. Mercúrio nos garimpos da terra indígena Yanomami e responsabilidades. **Ambiente & Sociedade**, v. 23, 2020.

RICOEUR, Paul. **Tiempo y narración**. México: Siglo XXI, 1995.

ROCHA, Ribamar. Professor da UFRR faz alerta para risco de contaminação por mercúrio. Folha de Boa Vista. Boa Vista, 26 de maio de 2016. Disponível em: <<https://www.folhabv.com.br/noticia/Professor-da-UFRR-faz-alerta-para-risco-de-contaminacao-por-mercurio-/16755>>. Acesso em: 06 jan. 2019.

SANTOS, M.; ALMEIDA, A. Danos Ocupacionais associados ao Mercúrio, com ênfase no setor da Conservação e Restauo de Obras de Arte. **Revista Portuguesa de Saúde Ocupacional online**, v. 8, p. S203-S229, 2019.

SANTOS, Raissa Nascimento; MENEZES, Ronaldo; PAIVA, Claudio Cardoso. Jornalismo e Biografia: Reflexões sobre a Verdade e o Tempo. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Fortaleza-CE, 29 de junho a 01 julho de 2017.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo investigativo: o fato por trás da notícia**. São Paulo: Summus, 2005.

SILVA, Antonia Costa da. **Jornalismo ambiental na Rede de Notícias da Amazônia**: estudo da cobertura jornalística sobre a Hidrelétrica de Belo Monte (2008-2013). Tese (Doutorado). 2015. 331 fls. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Programa de Pós Graduação em Comunicação, 2015.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

SING, K.A. et al. Organic Mercury levels among the Yanomami of the Brazilian Amazon Basin. **Ambio: A Journal of the Human Environment**, [S.l.], v. 32, n. 7, p. 434-439, nov. 2003.

TRIGUEIRO, André. **Mundo Sustentável: abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação**. São Paulo: Globo, 2005.

TRIGUEIRO, André. Quando o Mundo Sustentável é Notícia. **Mundo Sustentável**, maio de 2006. Disponível em: <<http://www.mundosustentavel.com.br/2006/05/quando-o-mundo-sustentavel-e-noticia/>>. Acesso em: 02 abr. 2019.

UM SÓ PLANETA. O que é garimpo ilegal e quais são os seus impactos. **Um só planeta**, 19 de abril de 2022. Disponível em: <<https://umsoplaneta.globo.com/sociedade/noticia/2022/04/19/o-que-e-garimpo-ilegal-e-quais-sao-os-seus-impactos.ghtml>>. Acesso em 19 jul. 2022.

VEGA, C. M. et al. Human Mercury Exposure in Yanomami Indigenous Villages from the Brazilian Amazon. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, [S.l.], v. 15, n. 6, p. 1-13, may. 2018.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografia e biógrafos**: jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.

WAISBICH, Laura Trajber, RISSO, Melina, HUSEK, Terine, BRASIL, Lycia. O ecossistema do crime ambiental na Amazônia: uma análise das economias ilícitas da floresta. **Instituto Igarapé**, fevereiro de 2022. Disponível em: <<https://igarape.org.br/territorios-e-caminhos-do-crime-ambiental-na-amazonia-brasileira-da-floresta-as-demais-cidades-do-pais/>>. Acesso em 24 jul. 2022.

WATANABE, Phillippe. Pesquisadores descobrem contaminação por mercúrio em garimpo na Amazônia. **Folha de São Paulo**, 9 de dezembro de 2021.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 10 ed. Presença: Lisboa, 2009.

WYSS, Bob. **Covering the environment**: how journalists work the green beat. New York; London: Routledge, 2008.

APÊNDICE 1

Entrevista 1 – Paula Cruz

Diretora - Folha de Boa Vista

Em seu trabalho como diretora e editora da Folha de Boa Vista, em relação às matérias sobre garimpo em terras indígenas quais os princípios motivadores para a elaboração das matérias sobre o tema?

R: Pertinência e oportunidade, conforme os fatos se dão. Tema de interesse geral.

Há alguma linha editorial, orientação que determine a pauta e elaboração desse tipo de matéria? Há uma programação, uma editoria permanente ou as matérias são realizadas on demand quando surgem?

R: Geralmente essas matérias são feitas on demand, não temos uma linha editorial, uma orientação que determine produção de matérias que cubram temática ambiental, indígena, garimpo... são matérias de interesse comum, na medida que surgem a gente vai publicando...

Em relação às matérias sobre garimpo em terras indígenas questões como direito coletivo, jornalismo ambiental, saúde coletiva, demanda social X respeito à minoria, são considerados e influenciam na construção do discurso jornalístico?

R: Não só na construção do discurso jornalístico, mas para a formação de uma formação mais justa...e é um dos princípios das Folha : ser um porta voz da sociedade. Matérias sobre garimpo em terras indígenas questões como direito coletivo, jornalismo ambiental, saúde coletiva, demanda social, respeito às minorias são prioridades em nossas pautas são prioridade na determinação de pautas a serem cumpridas: não só do jornalismo ambiental, mas de temas de apelo social como saúde coletiva, respeito às minorias, etc.

Na edição das matérias publicadas pela Folha de Boa Vista há influência de movimentos e tendências mundiais como advocacy journalism e jornalismo ambiental

como tal, demonstrando o engajamento do meio como uma causa, com a função social do meio de comunicação em função da defesa dos bens naturais coletivos?

R: Não há influência, há uma consciência, conceitos bem diferentes, uma coisa é ser influenciável, outra é você se sentir fazer parte de uma sociedade, de um meio e ter responsabilidade por isso. Acho uma coisa muito... porque é uma tendência, sofre uma influência, não ! Parece coisa de modinha e a Folha não segue modinha ... A Folha segue um princípio de respeito à sociedade e principalmente à sociedade que Ela faz parte que é a sociedade de Roraima. A gente tem preocupação constante em fazer matérias sobre qualidade de água, da qualidade dos nossos rios, defesa do meio ambiente de forma responsável e não de forma ambientalista, sem levantamento de bandeiras, ou nada disso. As matérias são feitas quando a editoria julga ser de interesse da sociedade, de forma independente e sem essa tendência que alguns veículos, e até a própria academia quer que tenha. Não somos um jornal ambientalista. Somos um jornal comprometido com as questões sociais. São coisas totalmente diferentes. A gente faz constantemente matérias relacionadas à qualidade da água de rio, desmatamento, queimadas, chama a atenção, por exemplo para que haja uma conscientização dos pequenos produtores em relação ao período do início das queimadas, tudo isso...

Na elaboração, publicação em sequência da cobertura da temática do garimpo em terras indígenas há utilização de técnicas biográficas ou a cobertura cronológica é realizada de forma aleatória? Há uma correlação cronológica entre as diversas matérias publicadas no Jornal Folha de Boa Vista (Folha Web)?

R: A cobertura é feita de forma factual mas com link das materiais anteriores.

Sobre a matérias publicadas na Folha de Boa Vista sobre o tema, quais os elementos construtores do discurso jornalístico? Há engajamento e relação com o conceito de advocacy journalism nas reportagens, elas se classificam como matérias do jornalismo ambiental?

R: Já respondida em outra questão, não há engajamento com nenhuma influência ou tendência, há compromisso social.

Na elaboração das reportagens sobre o garimpo em terras indígenas há hierarquia de fontes e de seus discursos? Os discursos das fontes iniciam e concluem a narrativa jornalística?

R: Na Maioria das vezes sim. Na hierarquia de fontes, sempre as fontes oficiais terão prioridade. Mas como a Folha de Boa Vista faz um jornalismo social muito ligado principalmente aos sindicatos e organizações de classe, a gente sempre procura ouvir os representantes desses grupos, mas na hierarquia de fontes, as fontes oficiais ainda prevalecem.

O jornalista ou o meio jornalístico confronta, exacerba as diferenças ou compatibiliza os sentidos dos discursos das fontes (**recorte fenomenológico, excedentes**)? São discursos de sujeitos ou grupos majoritários ou subalternos? Os vários atores (garimpeiros, empresários e financiadores, indígenas, ribeirinhos, autoridades e público são ouvidos e representados nas matérias publicadas pela Folha de Boa Vista?

R: equilíbrio é o que buscamos sem paixões e nem modismos ridículos como paixões. Não acho só perante aos ambientalistas que querem impor uma pauta que a sociedade local na maioria abomina.

Os discursos do jornalista, do meio jornalístico ou das fontes das matérias publicadas pela Folha de Boa Vista prezam a objetividade ou têm caráter biográfico (conclusões dedutivas de perfis a partir das evidências de comportamentos e visões de mundo), de storytelling (a vida sendo vivida) ou de imersão na realidade particular de sujeitos ou geral de grupos sociais?

Os discursos das matérias publicadas pela Folha de Boa Vista contribuem para uma narrativa jornalística noticiosa (instantânea), interpretativa, interpretativa também com caráter noticioso, investigativa, investigativa também com caráter noticioso, investigativa também com caráter interpretativo, investigativa com caráter noticioso e interpretativo?

R: Sim, esse é o objetivo.

Como esses discursos presentes nas matérias publicadas pela Folha de Boa Vista são representados através de técnicas de entrevista e edição (lead, pirâmide invertida, pirâmide deitada, jornalismo de imersão, memória de imersão, espiral concêntrica, construção cena a cena etc.)?

R: Lead

O jornalista ou o meio jornalístico confronta, exacerba as diferenças ou compatibiliza os sentidos dos discursos das fontes (recorte fenomenológico, excedentes)? São discursos de sujeitos ou grupos majoritários ou subalternos? Os vários atores (garimpeiros, empresários e financiadores, indígenas, ribeirinhos, autoridades e público são ouvidos e representado nas matérias publicadas pela Folha de Boa Vista?

R: Lead

APÊNDICE 2

Entrevista 2 - Ribamar Rocha

Redator - Folha de Boa Vista

Em seu trabalho como jornalista da Folha de Boa Vista, em relação às matérias sobre garimpo em terras indígenas quais os princípios motivadores para a elaboração das matérias sobre o tema?

R – A preocupação de buscar informações com fontes verdadeiras e deixar a população bem informada sempre é uma constante no Grupo Folha de Boa Vista. Ainda mais sobre um tema tão importante quanto esse.

Há alguma linha editorial, orientação que determine a pauta e elaboração desse tipo de matéria? Há uma programação, uma editoria permanente ou as matérias são realizadas on demand quando surgem?

R – A linha editorial da Folha é pautada sempre pela verdade na apuração dos fatos. Embora não tenhamos orientação nem uma editoria específica para o tema em questão, na época dessa reportagem, nosso Editor Chefe, Jessé Souza, é indígena, o que facilitou o entendimento e a profundidade da reportagem.

Em relação às matérias sobre garimpo em terras indígenas questões como direito coletivo, jornalismo ambiental, saúde coletiva, demanda social X respeito à minoria, são considerados e influenciam na construção do discurso jornalístico?

R – A Folha é voz da minoria e do coletivo, sempre respeitando e ouvindo os dois lados da questão, tendo isso como base ao produzir seu material jornalístico.

Na edição das matérias publicadas pela Folha de Boa Vista há influência de movimentos e tendências mundiais como advocacy journalism e jornalismo ambiental

como tal, demonstrando o engajamento do meio como uma causa, com a função social do meio de comunicação em função da defesa dos bens naturais coletivos?

R – As reportagens produzidas pelos profissionais da Folha são pautadas sem influencia externas, mas pela verdade dos fatos, apurada sempre dando as versões dos envolvidos. Cabe a sociedade ler, analisar e entender.

Na elaboração, publicação em sequência da cobertura da temática do garimpo em terras indígenas há utilização de técnicas biográficas ou a cobertura cronológica é realizada de forma aleatória? Há uma correlação cronológica entre as diversas matérias publicadas no Jornal Folha de Boa Vista (Folha Web)?

R – Os profissionais da Folha tem o cuidado de pesquisar biografias e usar cronologia de reportagens anteriores em suas reportagens sempre que assim precise para manter seu leitor bem informado.

Sobre a matéria “Professor da UFRR faz alerta sobre risco de contaminação por mercúrio” de 26-05-2016 de sua autoria publicada na Folha de Boa Vista, quais os elementos construtores do discurso jornalístico? Há engajamento e relação com o conceito de advocacy journalism em sua reportagem, ela se classifica como uma matéria do jornalismo ambiental? Conte sua experiência na elaboração da matéria.

R – Primeiro foi feita a entrevista com o professor que deu embasamento para a formatação da reportagem. Depois foi colhido material de pesquisa junto a entidades e órgãos científicos com dados sobre o tema, o que deu um enorme satisfação e produzir o material que classifico como Jornalismo Ambiental e de relevante informação de alerta para a população do Estado, bem como de subsidio para os órgãos ambientais traçarem estratégias de políticas públicas de combate a poluição dos nossos rios.

Na elaboração das reportagens sobre o garimpo em terras indígenas há hierarquia de fontes e de seus discursos? Os discursos das fontes iniciam e concluem a narrativa jornalística?

R – Sim. A Folha sempre respeita o que é falado pelas fontes entrevistadas. Embora entenda que só isso não basta para a reportagem. Há sempre a busca por checagem do que disse a fonte e informações secundárias de outras fontes.

Como esses discursos presentes nas matérias publicadas pela Folha de Boa Vista são representados através de técnicas de entrevista e edição (lead, pirâmide invertida, pirâmide deitada, jornalismo de imersão, memória de imersão, espiral concêntrica, construção cena a cena etc.)?

R – No geral as reportagens são construídas através de lead. Podendo, no entanto, dependendo do contexto e complexidade do tema, ser inserido todos os recursos técnicos possíveis para melhor apurar a reportagem.

O jornalista ou o meio jornalístico confronta, exacerba as diferenças ou compatibiliza os sentidos dos discursos das fontes (recorte fenomenológico, excedentes)? São discursos de sujeitos ou grupos majoritários ou subalternos? Os vários atores (garimpeiros, empresários e financiadores, indígenas, ribeirinhos, autoridades e público são ouvidos e representados nas matérias publicadas pela Folha de Boa Vista?

R – A Folha tem como fundamental na produção de suas reportagens, ouvir todos os lados envolvidos e dar a versão jornalística mais isenta possível. Assim deixando ao leitor a decisão do seu olhar de entendimento.

O jornalista nas matérias publicadas pela Folha de Boa Vista ou o meio jornalístico lida com os fatos em si, as perspectivas dos fatos ou como os fatos se apresentam

às fontes (imersão na realidade ou no contexto social)? Lida com os fatos por meio do testemunho ou pressuposição do valor público e social das fontes?

R – A Folha dá espaço e razão as fontes fidedignas na construção de suas reportagens sempre buscando a verdade da realidade, como também do contexto social, ouvindo e dando a oportunidade de todos os lados expressarem suas opiniões.

O discurso do jornalista, do meio jornalístico ou das fontes trata o fato ou o tema do particular para o geral (sistêmico) ou do geral para o particular (contextualização) nas matérias publicadas pela Folha de Boa Vista?

R – Os dois pontos são trabalhados dentro do jornalismo. A forma de como isso é abordado depende do tema ou de como o jornalista inicia a reportagem. Embora a contextualização seja a mais usual.

Os discursos das fontes não oficiais nas matérias publicadas pela Folha de Boa Vista são diretos citados, indiretos citados ou indiretos? O discurso do jornalista substitui o discurso destas fontes (elas não têm relações orgânicas permanentes com seus enunciados), apresentando dados, aspectos sociológicos do cotidiano, aspectos culturais, por exemplo?

R – A fala dos entrevistados, uma vez checadas as fontes, são citadas diretamente. O jornalista não substitui discurso, mas pesquisa dados para o complemento da matéria.

APÊNDICE 3

AUTOBIOGRAFISMO

Com Davi Kopenawa, sua filha Taira , primeira enfermeira yanomami que ajudei a formar



Buscando o apoio do “Braço forte e mão amiga” do Exército Brasileiro como um parceiro de apoio para a complexidade da Terra Indígena Yanomami.



Com a ex-consulesa de Toronto no Canadá assessorando o líder Yanomami na busca de apoio internacional para a defesa da Amazônia.



Promovendo no Canadá o coagulemo Yanomami, uma alternativa limpa de renda comercial para o garimpo.



Patrocinar a institucionalização da Associação Sanumá Yanomami foi dar vida a um povo junto aos brancos. Nesse momento o registro no cartório de Boa Vista da entidade representativa da sub etnia representada por seu líder maior Mateus Sanumá. As lideranças viveram em uma casa cedida por mim no centro de Boa Vista por três anos. Representatividade legal para defender direitos como a exploração sustentável das riquezas da TI Yanomami.



Na pandemia da COVID 19 a prevenção e o tratamento precoce foram fundamentais para evitar complicações e prevenir mortes entre os Yanomami na minha atuação como médico infectologista na Casai Yanomami de Boa Vista, RR.



Discutindo alternativas para melhoria da saúde de comunidades indígenas afetadas pela contaminação com o mercúrio com autoridades federais e parlamentares, entre eles o ex-ministro Luís Henrique Mandeta.



Situação nutricional das crianças Yanomami é comparável aos índices africanos. O mercúrio complica ainda mais desenvolvimento neurológico e mental . Promover produção de alimentos ricos em proteína é aumentar a chance de sobrevivência dessas crianças, menos chance de sequelas e de déficit mental. Permitir a exploração racional, tecnológica e sustentável dos recursos da floresta pelos próprios povos originários, é promover o protagonismo Yanomami e a melhoria da qualidade de vida dos guardiões naturais da floresta. Defender o isolacionismo, o Infanticídio, e as guerras intra-tribais como símbolos culturais é perpetuar a condição de miséria e a perseverança de deficiências nutricionais (marasmo e koshiokor) inaceitáveis em pleno século 21 estando eles entorpecidos sobre uma ilha de riquezas biológicas e minerais incalculáveis.



A realidade da desnutrição proteica dessas crianças Yanomami (comparáveis aos índices africanos) desconstrói o discurso egoísta dos que defendem bandeiras desumanas como o isolacionismo, o infanticídio e as guerras tribais como características culturais que não podem sofrer intervenção. Meu trabalho junto aos Yanomami foi, é e será de promover a melhoria dos índices nutricionais como base para um desenvolvimento mental íntegro, será denunciar os que usam do nome dos Yanomami para manter privilégios econômicos e sociais, bem como de promover o protagonismo autóctone a ser alcançado pela exploração racional, tecnológica e sustentável das riquezas da floresta, sejam elas vegetais ou minerais.



Cuidando, cuidando sempre para prevenir porque é melhor que remediar ...
atendendo na floresta, na Casai Yanomami ou nos hospitais ... procurando, com um
Shapire (médico espiritual) entender as doenças espirituais que afetam as físicas.



No Hospital intermediando os pedidos culturais e lutando pela ala indígena que respeite a cultura e a as condições climáticas da floresta . São nos ambientes hospitalares que infelizmente os Yanomami ficam mais doentes, frágeis nutricionalmente, estão fragilizados e mais susceptíveis às doenças infecto contagiosas. A contaminação pelo mercúrio é somente um capítulo dessa história de subdesenvolvimento.



Imagens do trabalho de campo.



Projeto do Barco Hospital de Asas de Socorro e Visão Mundial que irá atender as comunidades ribeirinhas Yanomami a partir de 2023, analisando a qualidade das águas e atendendo as populações afetadas pelo mercúrio, com diagnóstico e tratamento



Reunião com reitor e professores da Universidade Federal de Roraima



Reunião da Missão Caiuá. Cuida da saúde Yanomami.

